A LIBERTAÇÃO DOS CONDICIONAMENTOS

Krishnamurti

ICK

J. KRISHNAMURTI

A LIBERTAÇÃO DOS CONDICIONAMENTOS

Título do original:
Talks in Saanen – 1968
Authentic Report

Sumário

A CRISE DA HUMANIDADE

(1)

DESDE o primeiro dia e em toda a duração destas reuniões, espero que todos nós sejamos aplicados. É de crer que a maioria de nós veio ter aqui com a idéia de passar umas horas de folga, olhando os montes e as montanhas, os vales verdejantes e as águas correntes; para fruir um pouco de sossego, encontrar-se com amigos, palestrar e divertir-se um pouco. Tudo isso está muito certo, mas, para que estas reuniões nos sejam verdadeiramente proveitosas e significativas, devemos ter seriedade.

Problemas tremendos estão desafiando os entes humanos, e, vivendo neste mundo insano e estúpido, cabe-nos ser ponderados. Os que, no âmago do próprio ser, são realmente ardorosos - não por efeito de neurose ou em conformidade com um dado princípio ou compromisso - esses demonstram possuir aquela peculiar e indispensável seriedade.

Observando o que se está passando no mundo - estudantes em revolta, ameaças de guerra, pobreza extrema, ódios e distúrbios raciais, etc. - sentimo-nos confusos. Temos ouvido explicações inúmeras, dadas por filósofos, pelos intelectuais, pelos teólogos, sacerdotes, sociólogos, pelas burocracias organizadas, etc. Mas, explicações nos são de pouca utilidade; e, mesmo quando conhecemos a causa de todas essas perturbações, nem por isso estamos habilitados a resolver o problema. Durante estas reuniões, seremos, como indivíduos e como entes humanos, pessoas responsáveis. Iremos descobrir se há possibilidade de resolvermos os problemas de nossa existência, a agitação, o caos, a aflição e o imenso sofrimento nela existentes, interior e exteriormente. Cumpre-nos, evidentemente, dissipar a escuridão que criamos em nós mesmos e em outros. E esta é a razão por que, no meu sentir, devemos ter seriedade.

Há indivíduos que são sérios um tanto neuroticamente; pensam que, seguindo certos princípios ou uma certa crença, dogma ou ideologia, e praticando-os persistentemente, são pessoas sérias. Mas, não são sérios esses indivíduos; eles ***crêem***, e sua crença gera um peculiar estado de desequilíbrio. Devemos, pois, estar sumamente vigilantes, para sabermos o que significa "ser sério".

Vê-se que as ideologias exercem uma extraordinária influência na vida do homem, em todo o mundo, e que essas ideologias estão dividindo os homens em grupos - republicanos, democratas, "a direita", "a esquerda", etc. Elas separam os homens e, por sua própria natureza, se convertem em "autoridade". Os que, nessas ideologias, assumem o poder, o exercem tiranicamente, democraticamente, ou cruelmente; isso se pode observar em todo o mundo. Ideologias, princípios e crenças não só dividem os homens em grupos, mas também impedem, efetivamente, a cooperação, a qual é realmente necessária neste mundo: cooperar, trabalhar juntos, atuar juntos - e não, um atuando de uma maneira, porque pertence a um dado grupo, e outro atuando de maneira diferente. A divisão resulta inevitavelmente da crença numa ideologia. A ideologia, seja comunista, seja socialista, capitalista, etc., separa os homens e gera conflito.

O "ideologista" não é um homem sério; não enxerga as conseqüências de sua ideologia. Para ser sério, ele tem de repudiar, completa e totalmente, as divisões nacionais e religiosas, rejeitar tudo o que é falso; terá então, talvez, a possibilidade de tornar-se real e verdadeiramente sério. Cabe-nos construir um mundo de todo diferente - um mundo sem nenhum ponto de contato com o mundo atual, de desatinos e conflitos, de competição, crueldade, brutalidade e violência.

Só a pessoa religiosa é verdadeiramente revolucionária. Não há outro revolucionário; ainda que um homem se diga revolucionário da extrema esquerda ou do centro, não é revolucionário. Aquele que se diz da "esquerda" ou do "centro" está ocupado com apenas um fragmento da totalidade e, ainda, quebrando esse fragmento em outras e diferentes partes; não é de modo nenhum uma pessoa verdadeiramente revolucionária. O homem autenticamente religioso - no sentido profundo dessa palavra - é que é o verdadeiro revolucionário, porquanto está fora da esquerda, da direita ou do centro. Compreender isso e cooperar é estabelecer uma ordem social diferente. Se pudéssemos lançar fora todas aquelas infantilidades, penso que poderíamos tornar-nos "o sal da terra". Esta é a única razão por que aqui estamos reunidos; não há outra razão. Vós não ides ganhar nada de mim, nem eu de vós. O que é absolutamente essencial não pode achar-se em torno de uma ideologia. Isso me parece bem óbvio, historicamente e na realidade de cada dia. O que está sucedendo no mundo mostra-nos a divisão e o conflito das ideologias. Nenhuma ideologia, por superior e grandiosa que seja, pode promover a cooperação; poderá criar uma tirania destruidora, da direita ou da esquerda, mas de modo nenhum estabelecer a cooperação da compreensão e do amor. Só há cooperação quando nenhuma autoridade existe. Esta é uma das coisas mais perigosas do mundo - a "autoridade". Sempre se assume

autoridade em nome de uma ideologia, ou em nome de Deus ou da Verdade; e o indivíduo ou o grupo que assumiu tal autoridade não tem aptidão para estabelecer uma ordem mundial.

Espero estejais escutando sem vos deixardes mesmerizar por palavras ou, quiçá, pela "intensidade" do orador; que estejais participando nessas coisas junto com ele. Portanto, desde o começo destas palestras, devemos compreender bem claramente pelo menos este ponto: a seriedade exige não aceitação da autoridade, inclusive a deste orador. Certas pessoas - infelizmente vindas do Oriente - alegam ter tido extraordinárias experiências e ser capazes de mostrar o caminho a outros, ensinar-lhes uma certa palavra que lhes possibilitará meditar da melhor maneira. Não sei se vos deixasses cair em tais armadilhas - como tem acontecido a muita gente, a milhares e milhões de pessoas. Essa autoridade impede um ente humano de ser "a luz de si mesmo". Quando cada um de nós for sua própria luz, só então estaremos aptos a cooperar, a amar, só então haverá um estado de comunhão entre nós. Mas, se tendes vossa particular autoridade, seja a autoridade de um indivíduo, seja a de uma experiência que vós mesmos conhecesses, então essa experiência, essa autoridade, essa conclusão, essa posição fixa vos impedirá a comunhão. Só a mente que está de fato livre pode comungar, cooperar.

Durante estes dias, peço-vos vos mostreis verdadeiramente judiciosos, não aceitando a autoridade de ninguém, nem aquela que em vós mesmos cultivasses, baseada na experiência, no saber, nas numerosas conclusões a que chegasses, e tampouco a autoridade deste orador. Só quando livre, realmente livre, uma pessoa é capaz de aprender; ela é, então, ao mesmo tempo instrutor e discípulo. Muito importa compreender isto, porque é desta matéria que vamos tratar em todos estes diálogos e palestras.

Cada um de nós deve ser, para si próprio, tanto o instrutor como aquele que é instruído. Isso só se torna possível quando se percebe a importância de vermos, de observarmos, por nós mesmos, as coisas tais como são. Em geral, estamos pouco cientes de nosso interior. Não sei se já observastes as pessoas que estão sempre a falar de si; da posição que a si próprias atribuem na vida: "Eu, em primeiro lugar; tudo o mais é secundário." Para que possa haver cooperação, comunhão e comunicação entre nós, é claro que tem de desaparecer essa barreira - "Primeiro eu, e tudo mais é secundário." O "eu" assume desmedida importância e se manifesta de inúmeras maneiras. Eis porque se torna perigosas as organizações, embora tenhamos necessidade de organização. Os que se acham à testa de uma organização ou empunham o poder da organização se tornam gradualmente a fonte da "autoridade". E com tais pessoas é impossível cooperar, comungar.

Nós temos de criar um mundo novo. Isto não são meras palavras, uma mera idéia: temos realmente de criar um mundo totalmente diferente, onde, como entes humanos, não vivamos a batalhar uns contra os outros e a entredestruir-nos; onde um indivíduo não domine outro com suas idéias ou seu saber; onde cada ente humano seja ***realmente***, e não teoricamente, ***livre***. Porque só nessa liberdade se pode estabelecer a ordem no mundo. Vamos, pois, se possível, desembaraçar-nos da rede que tecemos em redor de nós mesmos, a qual impede a cooperação, a qual nos separa e cria tanta ansiedade, e tristeza, e isolamento.

Seria verdadeiramente maravilhoso se, no encerramento destas reuniões, cada um de nós pudesse partir daqui dizendo: "Tenho-a" (a liberdade). Isso não significa "possuí-la", mas, sim, que, por vós mesmos, tereis visto que sois totalmente livre, que vos tornastes um ente humano cheio de vitalidade, energia, clareza, "intensidade". Isso poderá parecer muito; mas, a menos que aconteça, continuaremos a criar no mundo aflições sem conta, e guerras, como a que ora se está travando, pela qual somos nós os responsáveis, e não os americanos e os norte-vietnamitas; cada ente humano é por ela responsável. E os que porventura vivem neste país, onde há tanta segurança, esses também são responsáveis. E somos igualmente responsáveis pela divisão que está ocorrendo no mundo, não apenas ideologicamente, mas também religiosamente. Vede, pois, por favor, que temos de devotar nossa mente e nosso coração a, esse trabalho. Ele não exige muito esforço intelectual. O intelecto nunca resolveu coisa alguma; pode inventar teorias, explicações, pode enxergar a fragmentação e criar mais fragmentos, mas, sendo ele próprio um fragmento, não pode resolver o problema da existência humana. Tampouco podem resolvê-lo o emocionalismo e o sentimentalismo - que são também reações de um fragmento.

Só podemos agir totalmente (não fragmentariamente), quando vemos o problema humano em seu todo, e não apenas fragmentos dele. Qual é, pois, o problema? Qual é o problema humano total, essencial, que, uma vez compreendido, uma vez ***visto***, assim como se vê uma árvore ou uma nuvem formosa, todos os demais problemas serão resolvidos? Nessa base, pode-se agir. Que é essa percepção total, esse ***ver*** total? Eu vo-lo estou perguntando, e cabe-vos achar a resposta. Se esperardes por minha resposta, para a aceitardes, a resposta não será então ***vossa***, e eu me tornarei a "autoridade" - coisa que detesto. Assim, qual a vossa resposta, como ente humano que vive neste mundo cheio de agitação, de perturbações, revoluções, onde há

esta terrível divisão entre os homens, uma sociedade imoral, a imoralidade religiosa dos sacerdotes; ao verdes tudo isso estendido à vossa frente, ao verdes a agonia do homem – qual é vossa resposta? Como agis, em face desse problema? Ou, por pertencerdes a uma parte, a um fragmento, quereis converter os demais fragmentos ao vosso próprio fragmento (o que, afinal, é uma infantilidade); ou percebeis a fragmentação, e esse próprio ***ver*** dá-vos uma percepção total. Qual é, pois, para vós, o problema essencial, a questão essencial, o desafio único, que, se for completamente resolvido, todos os outros problemas se dissolverão, serão compreendidos ou superados?

Não achais verdadeiramente interessante descobrirdes o problema essencial da vida sem serdes guiado pelo psicólogo, o filósofo, o teólogo, ou por Krishnamurti - sem serdes guiado por ninguém: descobri-lo por vós mesmos? Como o descobrireis? Talvez não tenhais pensado nisso, ou, se pensastes, como ireis descobrir esse essencial requisito ou problema? Ireis perguntar a outrem? Não, decerto, porque isso é buscar uma autoridade. O que a autoridade diz não tem realidade; o que interessa é o problema máximo, e vós é que tendes de descobri-lo. Se não estais a procurar ninguém para ajudar-vos a descobrir o problema central, o problema verdadeiro, que fareis então? Como o ireis descobrir? Vede, por favor, que esta é uma pergunta muito séria.

Em primeiro lugar, algum de vós já fez a si próprio tal pergunta, já perguntou a si próprio se existe um problema essencial, cuja compreensão dará a solução de todos os outros problemas secundários? Se a não fizestes, então eu a faço. E, se a escutais - como espero estejais fazendo - como ireis descobrir aquele problema essencial? Por meio do pensamento, pelo refletir nele e pensar em cada problema, cada particularidade, cada fragmento, absorvendo-vos cada vez mais nesse trabalho e chegando, por fim, a uma conclusão: "Eis o problema essencial"? Pode o pensamento ajudar-vos? Pode uma indicação, por mais sutil que seja, ajudar-vos? Porque, se dela dependerdes, vos vereis novamente perdido. Assim, o pensar a respeito daquele problema não dará a solução, dará?

Qual a natureza do pensamento? O pensamento, como se pode observar, brota da memória acumulada. Observai esse fato em vós mesmos! O desafio é este: Qual é a problema essencial da vida? Um desafio novo; se a ele "respondeis" com base no pensamento, vossa resposta procede da memória acumulada e, por conseguinte, do "velho". Isso é bem claro, não?

Se me conservo apegado ao meu hinduísmo e às respectivas superstições, crenças, dogmas, tradições e demais absurdos - e surge à minha frente uma coisa nova, só sou capaz de "responder" com base no "velho". Mas, vendo que essa resposta do "velho" não representa o meio de descobrir o problema essencial, não quero mais depender do pensamento, seja da pessoa mais erudita, seja de meu próprio pensamento. Ponho, assim, de lado (por favor, fazei-o, enquanto falamos), completamente, o emprego do pensamento como meio de descobrimento. Isso é possível? Parece fácil - mas, podeis fazê-lo? Isso significa - em presença de um desafio totalmente novo - olhá-lo com olhos novos, com lucidez. E o pensamento, por mais racional e sagaz e douto que seja, não traz esclarecimento. Vejo, pois, que o pensamento não é o meio de descobrir "o essencial" e, portanto, não pode participar nesta busca, nesta investigação. Sois capaz disso (pôr de lado o pensamento)? Se sois, isso significa que o pensamento, que é velho e está sempre a interferir, deixa de impor-se e de dominar. E, então, que sucede? Verificai-o vós mesmos, por favor. Quando já não estais a buscar com base em vosso condicionamento, isso significa que alijastes toda a carga do passado.

O que estou tentando comunicar-vos é com efeito muito simples. Compete-vos descobrir uma nova maneira de viver e de agir, descobrir o que significa o amor. E, para esse descobrimento, não podeis servir-vos dos velhos instrumentos que possuís: o intelecto, as emoções, a tradição. Temos manejado e utilizado continuamente esses instrumentos, e não conseguimos criar um mundo diferente, uma nova mentalidade. Portanto, eles são de todo inúteis. Têm seu valor próprio em certos níveis da existência, mas não valem nada quando se trata de descobrir uma maneira de viver totalmente nova. Em outras palavras: a crise atual não se acha no mundo, mas em nossa própria consciência. Não se trata de descobrir ***como*** pôr fim à guerra, ou reformar as universidades, ou dar mais trabalho ou menos trabalho e maiores salários, etc. Nesse nível não se encontra nenhuma solução; toda reforma produz mais complicações. A crise está na própria mente, na vossa mente, na vossa consciência. E, a menos que saibais reagir a essa crise, a esse desafio, tornareis - consciente ou inconscientemente - cada vez maiores a confusão, a aflição, a imensa angústia já existentes.

Nossa crise se acha na mente, em nossa consciência, e a ela compete-nos reagir ***totalmente***. Qual a verdadeira reação, e qual o problema essencial? Obviamente, como já vimos, o pensamento, neste particular, não pode ajudar-nos. Mas isso não significa que tenhamos de ficar num estado vago, como que a sonhar, embotados. Quando já não fazeis uso do pensamento para descobrirdes o problema essencial da vida,

que sucede em vossa mente? Compreendeis esta pergunta? - estamos em comunicação uns com os outros? Respondei "sim" ou "não"! Para estarmos em comunicação, em comunhão, temos de encontrar-nos no mesmo nível, ao mesmo tempo, com a mesma intensidade - como no amor. Se respondeis "sim", isso significa que, por ora, rejeitasses o pensar como meio de descobrir. Então, vós e eu, que vos falo, estaremos no mesmo nível. Achamo-nos todos interessados em descobrir e não estais esperando que eu vos diga nada. Ao dizerdes a alguém "amo-te", ou o dizeis indiferentemente, sem sinceridade - ou o dizeis com intensidade, com ardor - e se a outra pessoa se mostra indiferente, não há então comunhão entre ambos. Só é possível a comunhão quando ambas as partes se mostram igualmente "intensas", e não indiferentes ou reservadas. Quando um e outro dão generosamente, isso produz uma extraordinária "intensidade"; já não há "um que dá e outro que recebe".

Assim, que pensais, que sentis, que vos parece ser o problema essencial da vida?

Vamos deixar esta questão para a próxima terça-feira? Precisais de tempo para sobre ela refletirdes, conversardes com outras pessoas, ou desejais sentar-vos à sombra de uma árvore ou em vosso quarto e ***deixá-la vir a vós***? Se estais contando com a ajuda do tempo, o tempo em nada vos ajudará. O tempo é a coisa mais destrutiva que há.

INTERROGANTE: Dissestes que o pensamento é um produto da memória. Ora, percebo muito bem que a maioria de meus pensamentos são muito condicionados, mas não estou bem certo de que seja impossível haver outra espécie de pensamento.

KRISHNAMURTI: Existe pensamento que não seja condicionado? Ou todo e qualquer pensamento é condicionado? Ora, todo pensamento é, obviamente, reação da memória, reação da tradição, do conhecimento, da experiência, acumulados.

Qual vos parece ser o problema essencial da vida?

INTERROGANTE: Criar a harmonia.

KRISHNAMURTI: Onde - dentro de nós, fora de nós, ou dentro e fora de nós? Como podemos criar harmonia fora de nós, se não a temos dentro de nós? A harmonia interior é a que deve vir primeiro, e não a exterior. É este o problema essencial? Ou, não é provável que a harmonia seja um resultado, e não um fim em si? Ela ***é***, acontece! É como a gente estar gozando saúde e sair para dar um passeio. Pode-se buscar a harmonia como um fim em si? Nós temos de descobrir a harmonia em nós mesmos. Isso requer nos examinemos profundamente, pois nesta questão estão implicados nossas contradições, esforços, disciplinas. Dizeis que a questão essencial pode ser a harmonia, mas talvez seja o prazer. Atentai nisso que acabamos de dizer: a questão essencial bem pode ser, na maioria dos casos, a ânsia de prazer e da continuação e fortalecimento do prazer - do prazer que me vem da segurança, da experiência sexual, etc. O prazer é um produto da deliberação, e não uma coisa em si. Não sei se me estais entendendo bem. Encontro prazer fazendo alguma coisa; o fazê-la me proporciona prazer; por conseguinte, esse "fazer" que me dá prazer é importante. O prazer não é um fim em si, porém o resultado de um certo ato. É, então, este o desafio, a questão essencial?

Considerai, por favor, o mundo, considerar tudo o que nele está ocorrendo - espantoso progresso tecnológico, guerras, a sociedade próspera e a miséria, a nação que luta contra outra nação, para sua própria segurança, sua glória, etc. etc.

Tudo isso está ocorrendo bem à vossa frente. Se o olhásseis objetivamente, assim como examinais um mapa, teríeis a resposta.

INTERROGANTE: O desafio ou questão essencial é a responsabilidade que as relações impõem.

KRISHNAMURTI: "A responsabilidade que as relações impõem" - será isso?

INTERROGANTE: Em parte, apenas.

KRISHNAMURTI: Sim, outra vez, um fragmento. "Relações" - que significa isso? - estais em relação com pessoas, com indivíduos, com o mundo, a natureza, com tudo o que está acontecendo? Como se pode estar em relação com tudo o que está ocorrendo - não apenas com vossa esposa ou marido: com tudo o

que está acontecendo no mundo? Como é possível isso, se estais isolado, se todos os vossos pensamentos, ações, ocupações, palavras, vos estão isolando - quer dizer: "primeiro eu, e o resto que vá para o inferno"?

Bem, por hoje temos de parar. Mas, "ficai" com esta questão, aplicai vossa mente e vosso coração a ver o mundo tal qual é, e não como pensais deveria ser. Vendo-o claramente, esse próprio ver poderá dar-vos a resposta.

7 de julho de 1968.

O MAIOR PROBLEMA DO HOMEM

(2)

IMPORTA compreender o que é cooperação e saber quando se deve e quando não se deve cooperar. Para se compreender o estado da mente que se recusa a cooperar, cumpre aprender, também, o que significa cooperar; ambas as coisas são importantes. Por certo, em regra cooperamos quando há interesse egoísta, quando vemos lucro, prazer ou vantagem em cooperar. Então, em geral, cooperamos de corpo e alma. Se estamos presos a um certo compromisso, a uma certa coisa em que cremos, então, com essa "autoridade", esse ideal, cooperamos. Mas, também, parece-me da maior importância aprendermos quando não se deve cooperar. Em regra, se estamos dispostos a cooperar, mostramo-nos desinclinados a compreender o que significa "não cooperar". As duas coisas são, em verdade, inseparáveis. Importa compreender que, se cooperamos em torno de uma idéia, em torno de uma pessoa, se tomamos posição em relação a uma coisa e em torno dela cooperamos, essa cooperação cessa infalivelmente: ao acabar-se o interesse em tal idéia, em tal autoridade, dela nos desprendemos e tratamos de cooperar com outra idéia ou outra autoridade. Sem dúvida, toda cooperação dessa espécie se baseia no egoísmo. E quando essa cooperação, em que há interesse egoísta, já não produz lucro, nem vantagem, nem prazer, deixamos então de cooperar.

Compreender quando não se deve cooperar é tão importante como compreender quando se deve cooperar. A cooperação, cem efeito, deve provir de uma dimensão totalmente diferente. Sobre este assunto falaremos mais adiante.

Em nossa última reunião perguntamos: Qual é a questão essencial, o problema essencial da vida humana? Não sei se considerasses este ponto, se nele refletisses. Mas, que pensais vós ser realmente o problema central da vida humana, como está sendo vivida neste mundo, com suas agitações, seu caos, suas agonias e confusão, com os entes humanos a tentarem dominar uns aos outros, etc.? Eu gostaria de saber qual é, para vós, o problema central ou "desafio" único, ao verdes o que se está passando no mundo - conflitos de toda espécie, conflito estudantil, conflito político, divisão entre os homens, diferenças ideológicas, por amor das quais estamos dispostos a matar-nos mutuamente, diferenças religiosas, a engendrarem a intolerância, brutalidade sob várias formas, etc. Vendo tudo isso acontecer diante de vossos olhos - vendo-o realmente, e não teoricamente - qual é o problema central?

Este que vos fala vai dizer-vos qual é o problema central; tende a bondade de ouvir sem concordar, nem discordar. Examinai, olhai, vede se o que ele diz é verdadeiro ou falso. Para descobrir o verdadeiro, cada um tem de olhar objetivamente, criticamente, e também intimamente. Olhar com aquele interesse pessoal que tendes ao atravessardes uma crise em vossa vida, quando todo o vosso ser está sendo desafiado. O problema central é a completa e absoluta libertação do homem primeiro psicológica ou interiormente e, em seguida, exteriormente. Não há realmente separação entre o "interior" e o “exterior”; mas, para efeito da clareza, devemos primeiramente compreender a libertação interior. Cumpre-nos descobrir se há possibilidade de vivermos neste mundo em liberdade psicológica, sem nos retirarmos "neuroticamente" para um mosteiro ou isolar-nos numa torre criada por nossa imaginação. Em nossa vida, neste mundo, é este o único "desafio": a libertação. Se, interiormente, não há liberdade, logo começa o caos, começam as oposições e indecisões, a falta de clareza, a falta de profundo discernimento - e, obviamente, tudo isso se manifesta no exterior. Pode-se viver em liberdade neste mundo - sem pertencer a nenhum partido político, nem comunista nem capitalista, sem pertencer a nenhuma religião, sem aceitar,nenhuma autoridade externa? Decerto, é necessário observar as leis do país (manter-se à direita ou à esquerda da estrada quando se está

conduzindo um carro), mas a decisão de obedecer, de acatar as prescrições, parte da liberdade interior; a aceitação da exigência exterior, da lei exterior, emana da liberdade interna. - É este, e nenhum outro, o problema central.

Nós, entes humanos, não somos livres, levamos uma pesada carga de condicionamento, imposta pela cultura em que vivemos, pelo ambiente social, pela religião, etc. Assim, visto que estamos condicionados, somos agressivos. Os sociólogos, os antropólogos e os economistas explicam essa agressividade. Há duas teorias: ou herdamos essa agressividade do animal, ou a sociedade, que cada ente humano construiu, impele-nos, força-nos a ser agressivos. Mas, o fato é mais relevante do que a teoria: não importa se a agressividade vem do animal ou da sociedade: nós somos agressivos, somos brutais, incapazes de olhar e examinar imparcialmente as sugestões, idéias ou pensamentos de outrem. Porque está assim condicionada, a vida se torna fragmentária. Nossa vida - o viver de cada dia, nossos diários pensamentos e aspirações, o desejo de aperfeiçoamento pessoal (uma coisa horrível) - é fragmentária. Esse condicionamento faz de cada um de nós um ente humano egocêntrico, que luta no interesse de seu "eu", sua família, sua nação, sua crença. Surgem assim as diferenças ideológicas - vós sois cristão, outro é muçulmano ou hinduísta. Podeis tolerar-vos reciprocamente, mas, basicamente, interiormente, há uma profunda divisão, há desprezo, sentimento de superioridade, etc. Por conseguinte, esse condicionamento não só nos faz egocêntricos, mas também, nesse próprio egocentrismo, há um processo de isolamento, de separação, de divisão, que torna absolutamente impossível a cooperação.

Perguntamos: É possível sermos livres? Podemos nós, na situação em que nos encontramos, condicionados, moldados por tantas influências, pela propaganda, pelos livros que lemos, pelo cinema, o rádio, as revistas - tudo isso a martelar-nos e a moldar-nos a mente - podemos nós viver, neste mundo, completamente livres, não só conscientemente, mas nas raízes mesmas de nosso ser? É este - assim me parece o desafio, o problema único. Porque, se não somos livres, não há amor: há ciúme, ansiedade, medo, domínio, cultivo do prazer - sexual ou outro. Se não somos livres, não podemos ver claramente e não há sensibilidade à beleza. Isto não são simples argumentos em prol da "teoria" de que o homem deve ser livre; uma tal teoria se torna, por sua vez, uma ideologia, e esta, a seu turno, separa as pessoas. Assim, se, para vós, é este o problema central, o desafio máximo da vida, não há então nenhuma questão de serdes felizes ou infelizes (isso se torna uma coisa secundária), de poderdes ou não conviver em paz com outros, ou de serem vossas crenças e opiniões mais importantes que as de outrem. Tudo isso são problemas secundários, que serão resolvidos se o problema central for plena e profundamente compreendido e solucionado. Se, observando os fatos reais que vos cercam e os fatos reais existentes dentro de vós mesmos, sentis realmente que é este o desafio único da vida; se percebeis que a dependência das idéias, opiniões e juízos de outrem, a veneração da opinião pública, dos heróis, dos exemplos, geram a fragmentação e a desordem; se vedes claramente todo o mapa da existência humana, com suas nacionalidades e guerras, a separação entre seus deuses, sacerdotes e ideologias, o conflito, a angústia, o sofrimento; se vós mesmos vedes tudo isso, não como coisa ensinada por outrem, nem como idéia ou aspiração - surge então um estado de completa liberdade interior, não há medo da morte, e vós e o orador estais em comunhão, em comunicação um com o outro.

Mas se, para vós, não é este o principal interesse, o principal desafio e perguntais se é possível a um ente humano achar Deus, a Verdade, o Amor, etc. - então não sois livre e, nesse estado, como podeis achar alguma coisa? Como podeis explorar, viajar, com toda essa carga, todo esse medo que acumulastes através de sucessivas gerações? É este o único problema: É possível aos entes humanos serem realmente livres?

Direis, talvez, que não podemos livrar-nos da dor física. A maioria de nós padecemos dores físicas desta ou daquela espécie e, se sois realmente livres, sabereis o que fazer em relação a elas. Mas, se sentis medo, então, porque não sois livre, a doença se tornará uma coisa sobremodo opressiva. Assim, se puderdes ver isso claramente, junto com o orador (sem que este vos tenha inculcado tal idéia, vos tenha influenciado, falando-vos com tanta ênfase que, consciente ou inconscientemente, a aceitais), haverá, então, entre nós, comunicação e poderemos descobrir ***juntos*** alguma possibilidade de nos tomarmos completa e totalmente livres. Podemos partir dessa base? Se começarmos a examinar e a compreender o problema, então, sua enorme complexidade, sua natureza e caráter se nos tornarão mais claros**.** Mas, se dizeis que isso é "impossível" ou "possível", parastes de investigar, de penetrar no problema. Se me permitis sugeri-lo, não digais a vós mesmos "é possível" ou "não é possível”. Certos intelectuais dizem: "Isso não é possível; portanto, tratemos de condicionar melhor a nossa mente, dando-lhe uma lavagem em regra, para depois fazê-la submeter-se, obedecer, seguir, aceitar**,** tanto externamente, no plano tecnológico, como interiormente:

seguir a autoridade do Estado, do guru, do sacerdote, do ideal, etc. E, se dizeis "é possível", trata-se nesse caso de uma mera idéia, e não de um fato. Em geral, vivemos num mundo vago, irreal, ideológico. O homem que está disposto a examinar profundamente esta questão, deve ser livre para olhar, ser livre para não dizer "é possível" ou "não é possível". Assim, para examinarmos a questão, ***sejamos livres no começo; a liberdade não vem no fim.***

A questão é esta: se é possível a um ente humano, a um indivíduo que vive neste mundo, numa sociedade tão complexa, tendo de trabalhar, manter casa, filhos, etc., tendo relações íntimas - ser livre. É possível viverem um homem e uma mulher numa relação em que exista liberdade completa, não haja domínio, nem ciúme, nem obediência - por conseguinte, numa relação em que haja amor? É possível?

Como se pode ver alguma coisa claramente - as árvores e as estrelas, o mundo e a sociedade que o homem criou e que são vós mesmos - se não há liberdade? Se, abeirando-vos desta questão, a olhais com uma idéia, uma ideologia, com medo, com esperança, com ansiedade, "sentimentos de culpa" e as respectivas agonias - é óbvio que não podeis ver claramente.

Se vedes tão claramente como o orador a importância de um indivíduo ser completamente livre - livre do medo, do ciúme, da ansiedade; livre do medo da morte e do medo de não ser amado do medo da solidão e do medo de não conseguir livre de ***todos*** os temores - se é este, para central, podemos então partir daí. A libertação total é o único problema da existência humana, pois o homem vem buscando a liberdade desde o começo dos tempos, embora dizendo "só há liberdade no céu, e não na Terra". Cada grupo, cada comunidade tem uma diferente ideologia acerca da liberdade. Rejeitando e lançando para o lado todas as ideologias, perguntamos se, vivendo agora neste mundo, temos possibilidade de ser livres. Se vós e eu percebemos ser este o único desafio de nossa vida, podemos então começar a descobrir por nós mesmos de que maneira irmos ao seu encontro, olhá-lo, entrar em contato com ele. Podemos começar deste ponto?

Em primeiro lugar, temos de seguir algum sistema ou método, para alcançarmos a liberdade? Pensai bem nisso, senhores. Toda gente diz que há um método: fazer "isto", fazer "aquilo", seguir "este" guru, seguir "este caminho", meditar "desta" maneira - um sistema, um método de alcançar o alvo gradualmente, passo a passo, um molde a que devemos adaptar -nos, para, no fim, termos aquela extraordinária liberdade que todos os sistemas prometem. É esta, pois, a primeira coisa que devemos investigar, não verbalmente, mas realmente, e, se ela não for verdadeira, nunca mais, em circunstância alguma, aceitarmos qualquer sistema, método ou disciplina. Vede, por favor, a importância destas palavras: todo ***sistema*** implica a aceitação de uma ***autoridade*** que vos dá o sistema; e a observância desse sistema exige ***disciplina***, a contínua repetição da mesma coisa, a repressão de vossas próprias necessidades e reações, a fim de serdes livre.

Existe alguma verdade nesta idéia de sistemas? Prestai toda a atenção a isto, tanto interior como exteriormente. Os comunistas prometem a Utopia, e o guru, o instrutor, o "salvador" diz: "Faça ***isto***". Vede o que isso implica. Não desejo tornar o assunto complicado demais, logo de início (pois ele se tornará bem complexo, à medida que formos prosseguindo), mas, se aceitais um sistema, seja numa escola, seja na política, seja interiormente, então não há possibilidade de aprender, não há possibilidade de comunicação direta entre o mestre e o aluno. Mas, quando não há distância entre o professor e o estudante, ambos estão examinando, raciocinando juntos e há liberdade para olhar e aprender. Se aceitais um regime rigoroso imposto por algum infeliz guru (eles estão muito em voga, atualmente, no mundo inteiro) e seguis esse regime, que está sucedendo realmente? Estais destruindo a vós mesmos, a fim de alcançardes a liberdade prometida por outro indivíduo; estais entregando-vos completamente a uma coisa que pode ser totalmente falsa, totalmente estúpida e irreal. Vejamos, pois, logo no começo, bem claramente, essa coisa; se a virdes com clareza, a abandonareis completamente e nunca mais retornareis a ela. Quer dizer, já não pertencereis a nenhuma nação, a nenhuma ideologia, a nenhuma religião, a nenhum partido político; tudo isso, são coisas baseadas em fórmulas, ideologias e sistemas que acenam com promessas. Exteriormente, nenhum sistema poderá ajudar o homem. Pelo contrário, os sistemas só servirão para separar os homens, como está sempre a acontecer no mundo. E, interiormente, aceitar outra pessoa como autoridade, aceitar a autoridade de um sistema é viver no isolamento, na separação e, por conseguinte, sem nenhuma liberdade.

Assim, como compreender e alcançar a liberdade - ***naturalmente***, pois ela não é uma coisa que temos de procurar às cegas, de agarrar ou de cultivar, já que tudo o que se cultiva é artificial? Se perceberdes ser verídico o que estamos dizendo, os métodos e sistemas de meditação não terão mais nenhum valor para vós; tereis, portanto, eliminado um dos principais fatores de condicionamento. Quando se vê esta verdade que nenhum sistema pode, em tempo algum, ajudar o homem a ser livre, já se está livre dessa enorme mentira. Pois bem; podeis libertar-vos dos sistemas - não amanhã, nem daqui a dias, mas agora, na realidade

presente? Não poderemos ir mais longe enquanto cada um de nós não compreender isto, não abstratamente, como idéia, porém vendo mesmo o fato de que nenhum sistema tem valor; o caso estará então definitivamente encerrado. Poderemos conversar sobre este assunto, não com argumentos pró e contra, porém olhando-o realmente, examinando-o, apreciando-o juntos, como amigos, a fim de descobrirmos a verdade a seu respeito.

Compreendeis o que estamos fazendo? Estamos vendo os fatores do condicionamento - ***vendo-os, sem nada fazermos*** em relação a ele. ***O próprio ver é agir***. Se vejo um abismo, atuo, há ação imediata. Se vejo uma coisa venenosa, não a toco - a ***inação*** é instantânea. Estamos, pois, vendo este fato que um dos principais fatores do condicionamento é a aceitação de sistemas, com autoridade e as sutilezas que ele implica? Podemos conversar sobre isto, ou o orador foi prolixo demais? Espero que não.

INTERROGANTE: É muito fácil entender-vos verbalmente; no terreno das idéias, não é muito difícil...

KRISHNAMURTI: ...Mas deixar de aceitar a autoridade é coisa bem diferente, não? Que quereis dizer, senhor, quando afirmais "No plano verbal eu vos entendo claramente"? Significa isso: "Nós estamos entendendo as palavras que proferis, estamos ouvindo as palavras?" - e nada mais? Estais ouvindo palavras e, obviamente, podem-se ouvir palavras completamente sem significação. A questão é: Como escutar as palavras, de modo que esse próprio escutar seja ao mesmo tempo ação? Diz uma pessoa: "Intelectualmente compreendo o que estais dizendo - as palavras são claras e o raciocínio talvez seja mais ou menos válido, mais ou menos lógico, etc. etc. Compreendo tudo intelectualmente, mas a ação não se verifica, não fico inteiramente livre da aceitação de sistemas." Ora, como lançar uma ponte sobre esse intervalo entre o intelecto e a ação? Está claro isso? "Compreendo intelectualmente, verbalmente, o que dissestes nesta manhã, porém dessa compreensão não veio liberdade; como fazer esse conceito intelectual tornar-se ação imediatamente?" Mas, por que razão pensamos compreender intelectualmente? Por que damos a primazia à compreensão intelectual? Por que se torna esta predominante? Compreendeis esta pergunta? Estou certo de que todos vós sentis que, intelectualmente, compreendeis muito bem o que o orador está dizendo; depois, perguntais a vós mesmos: "Como pôr em ação esta compreensão?" Assim, a compreensão é uma coisa, e a ação outra coisa, e estais lutando para juntar essas duas coisas. Mas, intelectualmente, existe alguma compreensão? Não pode tal asserção ser falsa e constituir uma barreira, um obstáculo? Vede-a bem, olhai-a, observara atentamente, porque ela pode tornar-se um sistema - o sistema que todos usam: "intelectualmente compreendo". Esse sistema pode ser completamente falso. O que quereis dizer é só isto: "Ouço o que estais dizendo; ouço as vibrações das palavras que me penetram nos ouvidos, e só isto, nada acontece." Isso é a mesma coisa que um homem ou uma mulher ouvir pronunciar a palavra "generosidade", sentir vagamente a sua beleza e, entretanto, continuar com sua avareza, sua falta de liberalidade. Assim, não digais: "Compreendo", não digais: "Percebi o que dissesses", quando estivesses apenas ouvindo uma série de palavras. A questão, pois, é: Por que não percebeis a verdade que nenhum sistema produz liberdade, nem exterior nem interiormente, que nenhum sistema pode libertar o homem de suas aflições? Por que não vedes instantaneamente esta verdade? Este é que é o problema, e não como desfazer a separação entre a compreensão intelectual de uma coisa e pôr em ação essa compreensão. Por que não percebeis esse fato em toda a sua realidade? Que vos está impedindo de vê-lo?

INTERROGANTE: Nós cremos no sistema.

KRISHNAMURTI: "Cremos no sistema"' Por quê? Eis vosso condicionamento. Vosso condicionamento está sempre a ditar, a impedir-vos de perceber um dos principais fatos da vida, o qual condiciona o homem para aceitar o sistema de distinção de classes, o sistema da guerra e o sistema que promete a paz e, por sua vez, é destruído pelo nacionalismo - outro sistema! Por que não percebemos essa verdade? É por que temos algum interesse no sistema? Se víssemos a verdade a seu respeito, poderíamos perder dinheiro, não conseguir emprego, ver-nos sozinhos num mundo tão monstruoso e violento. Assim, consciente ou inconscientemente, dizemos: "Compreendo muito bem o que estais dizendo, mas não podemos pô-lo em prática."

INTERROGANTE: Senhor, para estarmos em comunicação convosco ou uns com outros, temos de achar-nos em movimento, e movimento requer energia. A questão é: Por que às vezes somos capazes de produzir essa energia, e outras vezes não?

KRISHNAMURTI: Ao ouvirmos esta pergunta, por que não vemos a verdade de que os sistemas são destrutivos, "separativos"? Para vê-la, necessitais de energia, mas não tendes essa energia para a verdes agora, e não amanhã. Acaso não tendes a energia necessária para a verdes agora porque sentis medo? Inconscientemente, bem no fundo, não existirá uma resistência a vê-la, porque isso significa que tendes de abandonar o vosso guru, abandonar vossa nacionalidade, abandonar vossa ideologia particular, etc. etc. - e por isso dizeis "compreendo intelectualmente"?

INTERROGANTE: O sistema impede-nos de ver essa verdade.

KRISHNAMURTI: Exatamente. O sistema vos educa, vos estabiliza, vos dá um emprego, e por isso não o questionais, nem exterior, nem interiormente. Mas não é isso que estamos perguntando.

Por que razão - enquanto escutais - não tendes energia para olhar? Para terdes a energia de que necessitais para olhar, deveis estar atento, aplicar vossa mente e vosso coração em olhar; por que não o fazeis?

INTERROGANTE: Que se pode dizer ao homem que tem medo de olhar?

KRISHNAMURTI: Não podemos forçá-lo a olhar, é óbvio. Não podemos persuadi-lo a olhar. Não podemos prometer-lhe que, se ele olhar, ganhará alguma coisa. Podemos dizer-lhe: "Você não precisa olhar o fato - o medo -, mas fique ciente dele." Mas ele pode responder: "Não quero tornar-me cônscio do medo, não quero tocá-lo, não quero sequer aproximar-me dele." Não se pode, portanto, prestar-lhe nenhuma ajuda, porque esse homem está impedindo a si próprio de olhar; pensa que, se olhar, perderá sua família, seu dinheiro, sua posição, seu emprego, numa palavra, sua segurança. Mas, vede o que está acontecendo - pois isso é apenas uma idéia: ele pode não perder a sua segurança. O que está acontecendo é coisa muito diferente: O pensamento lhe diz "Cuidado, não olhe!" O pensamento gera medo, impedindo-o de olhar: "Se você olhar, poderá criar uma enorme confusão em sua vida" - como se ele já não estivesse vivendo em confusão! O pensamento, portanto, gera o medo e impede o percebimento da verdade de que nenhum sistema, neste mundo de Deus ou no mundo do guru, do "salvador", do comissário, pode libertar qualquer pessoa.

INTERROGANTE: Talvez não possamos perceber ***realmente*** o medo por não o conhecermos.

KRISHNAMURTI: Oh, muito bem! Se não conheceis o medo, então não há problema nenhum, sois livre; até as pobres avezinhas têm medo. Aceitar os sistemas como inevitáveis é um dos maiores obstáculos existentes na mente humana. Esses sistemas foram criados pelo homem em sua busca de segurança. A busca de segurança por meio de sistemas está destruindo o indivíduo, o que se torna bem óbvio quando se observa o que se verifica fora de nos; a mesma coisa sucede em nosso interior. Meu guru e vosso guru, minha verdade e vossa verdade, meu caminho e vosso caminho, minha família e vossa família - tudo isso impede o homem de ser livre. A liberdade dará à vida um significado diverso; o sexo terá diferente significação, haverá paz no mundo, e não divisão entre os homens. Mas deveis possuir a energia necessária para olhar; quer dizer, olhar com a mente e o coração e não com olhos cheios de medo.

9 de julho de 1968.

DO CONDICIONAMENTO HUMANO

(3)

ESTAMOS vivendo num mundo completamente fragmentado, um mundo onde se vê luta constante de um grupo contra outro grupo, de uma ideologia contra outra, uma classe contra outra, etc. Tecnologicamente, observa-se um assombroso progresso e, contudo, há mais fragmentação do que nunca. E, observando-se objetivamente o que está ocorrendo, percebe-se a essencial necessidade de o homem aprender a cooperar. Não temos possibilidade de trabalhar juntos em qualquer coisa que seja - a questão da "escola nova", a questão das relações entre os homens, a questão de pôr fim às guerras monstruosas a que estamos assistindo - se cada indivíduo, se cada um de nós está a isolar-se numa ideologia, com sua vida baseada num princípio, numa disciplina, numa técnica, numa crença, num dogma; sobre tais bases não há possibilidade de cooperação. Isso me parece tão óbvio, que dispensa discussão. E estivemos investigando se é possível demolirmos todos esses valores opostos que deliberadamente criamos, para que o homem tenha a possibilidade de ser livre.

Dissemos que a liberdade, seja exterior, seja interior, não pode ser criada por meio de nenhum sistema - político ou econômico, comunista ou capitalista - nem tampouco por nenhuma organização religiosa, ou pelo seguirmos um certo grupo insignificante, separado dos demais. Examinamos suficientemente esta matéria na última reunião. Dissemos, também, que a liberdade não pode ser produto de nenhuma filosofia, de nenhuma teoria intelectual. Nesta manhã, vamos examinar a possibilidade de cada um de nós tornar-se realmente livre de todo e qualquer sistema ou método. E esta é uma das coisas mais complexas e mais difíceis de compreender. Falando em sistemas, queremos referir-nos não apenas ao fato exterior de seguir uma crença, um guru, um instrutor, uma determinada religião organizada, etc., mas também ao fato interior de seguir um certo hábito de pensamento, de viver em conformidade com uma certa crença, dogma ou princípio. Tudo isso constitui uma espécie de sistema. Somos, pois, forçados a perguntar por que razão teima o homem em seguir um sistema. Em primeiro lugar, por que razão interiormente - vós e eu desejamos um sistema; e, em segundo lugar - externamente - que necessidade há de algum sistema? Por que necessitamos de qualquer sistema que seja? Todo sistema representa uma tradição, uma disciplina, um hábito, um certo conjunto de canais que a mente deve percorrer. Por que isso? Se abandonamos um dado conjunto de canais, logo adotamos outro.

Dissemos ser impossível haver paz, amor ou beleza, quando não há liberdade total; e que, evidentemente, não há possibilidade nenhuma de sermos livres, total e completamente, se, interiormente, psicologicamente, estamos a seguir um método, um sistema, ou um determinado hábito que vimos cultivando há muitos anos ou há muitas gerações e que se tornou uma tradição. Por que fazemos isso? É porque a mente está continuamente a buscar segurança, certeza? Pode ser livre, psicologicamente, uma pessoa que só busca segurança para si própria? E, se não é livre, como poderá ela ver o verdadeiro através de um sistema ou tradição que promete, para o fim, a beleza, um inimaginável estado mental?

Pensai junto comigo sobre esta matéria, ou, melhor, examinemo-la juntos. Se me permitis sugerir, não vos limiteis a ouvir palavras e mais palavras. Dizer "Intelectualmente, compreendo" é fazer uma declaração absolutamente falsa. Ao dizermos que compreendemos intelectualmente, isso significa que ouvimos uma série de palavras cujos significados compreendemos. Mas, "compreender" significa também ação ***imediata***, e não: primeiro, compreender e, depois, talvez daqui a muitos dias, a ação. Vede a importância deste problema; vede que a liberdade não é possível quando se está cultivando a aceitação ou a obediência a uma dada ideologia ou tradição. Se vedes esse fato, realmente e não verbalmente, há então ação imediata, abandonais instantaneamente tal ideologia ou tradição. Mas, se dizeis "verbalmente compreendo o que estais dizendo" - isso é apenas uma fuga ao fato.

Por que razão desejamos segurança, psicologicamente? Necessitamos, é óbvio, da segurança física, necessitamos de alimentos, roupas e morada. Mas, por que razão a mente busca a certeza, porque necessita de uma estrutura que se converterá num sistema que nos garantirá essa certeza? E porque insiste a mente em buscar sua própria segurança, sua própria proteção, sua própria certeza? Pode a pessoa que, psicologicamente, está certa a respeito de alguma coisa, ser livre? - O que não significa que ela deva achar-se sempre num estado de incerteza. Isso faz surgir um problema de dualidade. O conflito, em qualquer forma, é um desperdício de energia; havendo dualidade, há conflito, e este, em essência, é um verdadeiro desperdício

de energia. A pessoa que busca a certeza cria inevitavelmente o respectivo oposto. Buscar constantemente um estado em que não haja tribulações, perturbações, conflito, é correr justamente para o oposto desse estado - a tribulação, a perturbação, o conflito. Há incerteza e necessidade de certeza; entre essas duas coisas há conflito. E esse conflito em que nos vemos envolvidos, quase todos nós, é um desperdício de energia. Assim, porque busca a mente a certeza?

(Barulho de um avião ao alto)

Ouvistes o grande barulho que fez aquele avião ao passar. Antes, estáveis atentos, e agora talvez acheis que seria melhor que ele não tivesse passado. Criais, assim, um oposto, resistindo ao barulho - um desperdício de energia. Mas, se tivésseis ouvido aquele barulho sem nenhuma resistência, isto é, com toda a atenção, ele de modo nenhum vos teria turbado, não teria havido um "estado de barulho" em conflito com um "estado de ausência de barulho".

Estamos perguntando por que razão a mente anda sempre a buscar uma imagem, uma fórmula que lhe garanta um estado de certeza, o qual se tornará um sistema. Embora a mente esteja incessantemente a buscar a segurança, um estado de certeza e permanência, nunca indagamos se tal estado realmente existe. Nós o queremos, o exigimos, mas existe esse estado? Desejo uma relação permanente com meu amigo, minha mulher, e esse desejo de relação permanente constitui o sistema, a tradição, a estrutura que estabelecerá, nessa relação, um estado de permanência.

Assim, pergunto a mim mesmo: "Porque não pode uma pessoa viver livre; porque se mantém apegada a fórmulas e a sistemas?" - É porque, evidentemente, ela sente medo e deseja uma certa imagem, um certo símbolo, fórmula ou sistema a que apegar-se. (Observai isso em vós mesmos, por favor.) E quando uma pessoa fica apegada, com todas as forças, a alguma coisa, não só tem medo de perdê-la, mas também esse próprio apego, esse próprio medo de perder, cria o respectivo oposto. Trava-se uma luta, uma batalha, entre o desejo de certeza e o medo de não a conseguir.

Uma pessoa pode investigar se há, na vida, permanência psicológica, tentar descobrir se é realmente possível um tal estado. Mas, não pode ela descobrir que a vida é um movimento constante, em que está sempre a surgir o novo? Ora, a mente não pode ver o novo, porque está sempre vivendo no passado - o passado, que é o sistema. Quando dizeis "Sou cristão" ou "Sou hinduísta", é o passado que está falando, e não surge nada novo. Mas a vida, no seu movimento, só pode ser uma coisa maravilhosa. Esse movimento é justamente o novo, que rejeitamos. É liberdade.

Só há, para o homem, um problema, crise ou desafio central: tornar-se completamente livre. Enquanto ele estiver apegado a uma estrutura, método ou sistema, não terá liberdade. Pode essa estrutura ser abandonada de todo, ***imediatamente?*** O condicionamento da mente, que vem sendo cultivado há muitos anos ou séculos, esse próprio condicionamento é o sistema, a tradição, o hábito, etc. Enquanto a ele estiver sujeita, a mente jamais será livre. Essa liberdade não se encontra no fim, não é questão de, com o tempo, nos tornarmos livres. Não existe tal coisa de "com o tempo nos libertarmos" - quer dizer, tornar-nos livres por meio de uma disciplina, de uma fórmula. A fórmula ou o sistema só serve para, de diferentes maneiras, tornar mais forte ainda o condicionamento; não dá liberdade. A questão, por conseguinte, é esta: condicionada como está, pode a mente libertar-se de todo o seu condicionamento, incontinente, porque, de outro modo, o condicionamento continuará existente sob diferentes formas? Podemos prosseguir daí?

Uma pessoa nasceu cristã, católica, ou pertence a um dos muitos ramos do protestantismo. Desde criança foi condicionada para crer num Salvador, nos sacerdotes, nos ritos, num Deus, etc. etc. Ou ela é comunista, foi criada no comunismo, condicionada pelo que disse Lenine ou Marx. Surpreende-me a facilidade com que nos deixamos enredar por palavras; os comunistas substituíram a palavra "Cristo" e a respectiva filosofia pela palavra "Lenine" e a respectiva filosofia. Tão facilmente nos deixamos colher numa rede de palavras! Estamos condicionados, e o desafio, a crise existente no todo da consciência, é que o homem deve ser livre; do contrário, ele irá destruir a si próprio.

Pode a mente livrar-se de todo esse condicionamento e tornar-se - realmente, e não verbal, teórica ou ideologicamente livre? Eis o único desafio, o único problema de todos os tempos. Se também percebeis a importância desta questão - se a mente é capaz de descondicionar-se - podemos então examiná-la juntos. Nela estão implicadas várias coisas. Em primeiro lugar, qual a entidade que irá descondicionar a mente condicionada? Compreendeis? Desejo descondicionar-me: nasci hinduísta, fui criado numa certa parte do mundo com todas as respectivas influências, disciplinamentos, livros, revistas, o que certas pessoas disseram ou não disseram. Essa pressão constante moldou minha mente. E vejo que ela deve ser totalmente livre.

Como poderá tornar-se livre? Existe uma entidade que a tornará livre? Diz-se que há uma entidade - chamam-na "Atman", na Índia, "alma" ou "a graça de Deus", no Ocidente - a qual, se lhe damos oportunidade, produzirá aquela liberdade. Inculcam-me que, se eu viver justamente, se fizer certas coisas, seguir certas fórmulas, certos sistemas, certas crenças, me tornarei livre. Assim, em primeiro lugar supõe-se que existe uma entidade ou agente externo que pode ajudar-me a me libertar, que libertará a minha mente. Mas "fazer certas coisas" significa um sistema que irá condicionar-vos - como está sempre acontecendo. Os teólogos e os teóricos, bem como os vários indivíduos religiosos, têm dito: "Façam ***estas*** coisas, exercitem-se, meditem, controlem, forcem reprimam, sigam, obedeçam, e virá então aquele agente exterior e fará um milagre: torná-los-á livres." Vede como isso é falso; entretanto, todas as religiões o crêem, cada uma à sua maneira. Assim, se virdes esta verdade, que não há nenhum agente externo - Deus, 'ou como quiserdes chamá-lo – que libertará a mente condicionada, então, toda a estrutura religiosa, de sacerdotes com seus rituais e suas murmurações de palavras e mais palavras sem nenhuma significação, não terá mais sentido algum. Em segundo lugar, se de fato rejeitardes todas essas idéias, como poderá ser dissolvido o vosso condicionamento?

Qual a entidade que o dissolverá? Se rejeitais o agente exterior, "sagrado", "divino", deve haver então alguma entidade que poderá dissolvê-lo. Quem é ela? - O observador? O "eu", o "ego", que é o observador? Atenhamo-nos a esta última palavra - "observador" - basta-nos ela. É o observador que irá dissolver o condicionamento? Diz o observador: "Preciso ser livre e, portanto, tenho de livrar-me de todo o meu condicionamento." Rejeitastes o agente exterior, divino, mas criastes outro agente: o observador. Mas, o observador difere da coisa que ele observa? Continuai a acompanhar-me, por favor. Estais compreendendo? Para nos libertarmos, dependíamos de um agente externo - Deus, um salvador, um Mestre, um guru, etc. Se rejeitais tais agentes, deveis perceber ser necessário rejeitar também o observador, que é uma outra espécie de "agente". O observador é produto da experiência, do conhecimento, do desejo de libertar-se, a si próprio, de seu condicionamento; diz: "***Eu*** preciso ser livre." Esse *"**eu**" é* o observador. O "eu" diz "Preciso ser livre". Mas, é o "eu" diferente da coisa observada? Ele diz: "Estou condicionado, sou nacionalista, sou católico, sou ***isto sou aquilo***. É o "eu", de fato, diferente da coisa que ele diz estar separada de si, a que chama "meu condicionamento"? Dessarte, está o "observador" - o "eu" que diz "sou diferente da coisa de que desejo libertar-me" - está esse "eu" realmente separado da coisa que ele observa? Há duas entidades distintas, o observador e a coisa observada, ou só existe uma entidade única - a coisa observada é o observador, e o observador é a coisa observada? (Isto se está tornando complicado demais?)

Ao percebermos a verdade de que o observador é a coisa observada, não há então dualidade e, por conseguinte, não há conflito (que, como dissemos, é desperdício de energia). Só há então o fato: a mente condicionada. O fato não é "eu estou condicionado e vou libertar-me do condicionamento". Assim, quando a mente percebe essa verdade, já não há dualidade, só há uma coisa: um estado de condicionamento, um estado condicionado - e nada mais! Podemos prosseguir deste ponto?

Pois bem; estais percebendo, não como idéia, estais percebendo realmente que só há o condicionamento, e não "eu" ***e** o* condicionamento, como duas coisas diferentes, sendo que uma delas, o "eu", está exercendo a vontade para libertar-se do "condicionamento", havendo, por isso, conflito? Ao vermos que o observador é a coisa observada, não há conflito nenhum, o conflito foi totalmente eliminado. Assim, quando a mente vê que só há um estado condicionado, que aconteceu? Eliminou-se a entidade que ia exercer a força, a disciplina ou a vontade, a fim de libertar-se de seu condicionamento, e isso significa, essencialmente, que a mente eliminou por inteiro o conflito.

Ora, vós o fizestes? Do contrário, não poderemos ir mais longe. Em palavras mais simples: Quando vedes uma árvore, existe o observador, a entidade que vê, e a coisa vista. Entre o observador e a coisa observada há espaço; entre a entidade que vê a árvore e a árvore há espaço. O observador que vê a árvore tem várias imagens ou idéias a respeito de árvores; através dessas inumeráveis imagens ele vê a árvore. Pode ele eliminar essas imagens - botânicas, estéticas, etc. - de modo que possa olhar a árvore sem nenhuma imagem, nenhuma idéia? Já tentasses fazê-lo? Se nunca o tentastes, se nunca o fazeis, não tereis possibilidade de examinar este outro problema que estamos investigando: o problema da mente que sempre olhou as coisas como "observador", como entidade diferente da coisa observada e, por conseguinte, com um espaço, uma distância, entre si, como "observador" e a "coisa observada" - tal como o espaço que há entre a árvore e vós. Se sois capaz disso, de olhar uma árvore sem nenhuma imagem, sem nenhum conhecimento, então o observador é a coisa observada. Isso não significa que ele se torna a árvore (uma idéia absurda), mas, sim, que desapareceu a distância entre o "observador" e a "coisa observada". Isso não é uma espécie de estado místico, abstrato, inefável; não significa cair em êxtase.

Quando a mente rejeita o agente exterior, divino, místico, etc. (uma invenção da mente que não soube resolver o problema de seu próprio condicionamento), quando a mente rejeita esse agente externo, inventa outro agente, o "eu", o "ego", o "observador", que diz "vou libertar-me de meu condicionamento". Mas o fato é que só há uma mente num estado condicionado, e não uma dualidade, isto é, uma mente que diz "estou condicionada, preciso ser livre, preciso exercer a vontade sobre meu estado condicionado". Só há uma mente condicionada. Prestai toda a atenção a isto; se realmente escutardes com atenção, com vosso coração e vossa mente, vereis o que sucederá. A mente está condicionada - só isso! - não há mais nada. Todas as invenções psicológicas - relação permanente, divindade, deuses, etc. etc., nascem dessa mente condicionada. Só ela existe e nada mais. Isso é para vós um fato? Eis a questão; trata-se de uma coisa realmente extraordinária, se puderdes chegar até lá. Porque, na observação só dessa coisa e de nada mais, começa a existir o estado de liberdade - que significa estar livre de todo conflito.

Quereis debater - ou basta para hoje?

INTERROGANTE: Podeis repetir a última sentença?

KRISHNAMURTI: Eu disse que, se verdes claramente aquele estado, se o conhecerdes completamente, e vos tornardes cônscio, sem escolha, de que a mente está toda condicionada, conhecereis então, ou começareis a sentir, a "cheirar", a "provar" aquele extraordinário estado de liberdade. ***Começareis*** - - pois não o tereis ainda, e não deveis fugir levando apenas o cheiro do perfume.

!NTERROGANTE: Se digo "minha mente está condicionada", nesse caso o "eu" está também condicionado; não sei, então, o que mais resta.

KRISIINAMURTI: Exatamente: se digo *"**eu*** estou condicionado", esse "eu" está também condicionado; que resta então? Só resta ***um estado condicionado***. Vede, por favor, que só há um estado condicionado; mas a mente faz objeção a tal estado e quer achar um meio de sair dele. Não diz: "Estou condicionado, e aí me ficarei em quietude." Qualquer movimento de minha parte - qualquer movimento consciente ou inconsciente - é movimento do condicionamento, pois não? Portanto, não há movimento nenhum, porém apenas o estado condicionado. Se puderdes "ficar com ele", completamente - sem vos tornardes neurótico, entendeis? - descobrireis então a saída. Mas, perguntareis: "Quem é a entidade que a descobrirá?" Não há tal entidade: a coisa começará por si. Não sei se estais percebendo bem isto. A mente sempre tratou de fugir desse estado implacável (o condicionamento)-, ela está condicionada desde a infância, desde o começo da vida, desde há milhões de anos, e por todos os meios - Deuses, sistemas, filosofias, sexo, prazeres, idéias - tem tentado libertar-se desse estado condicionado, e o está ainda tentando quando diz: "Preciso transcendê-lo." Assim, a mente condicionada, qualquer movimento que faça, qualquer movimento que siga, continua condicionada. Por conseguinte, perguntamos: Pode a mente ***ficar com o fato***, só com o fato e nada mais? Compreendeis? "Ficar com o fato", após rejeitar todo o sistema de gurus, mestres, instrutores, salvadores tudo o que o homem inventou para tornar-se livre.

11 de julho de 1968.

LIBERTAÇÃO INTERIOR

(4)

CONSIDERO muito importante compreender e viver no estado em que a mente é, a todos os respeitos, religiosa. Essa mente é capaz - não abstrata ou teoricamente - de resolver todos os nossos problemas. A mente religiosa não leva nenhuma carga de ideologias, dogmas ou teorias; só a interessa o fato - ***o que é*** - e transcender o fato.

Nossa consciência é condicionada pela educação e por diferentes estados, herdados ou adquiridos, por contradições várias e pelo conflito dos opostos. Parece-me bem óbvio que esse estado mental condicionado só pode ser descoberto pela observação objetiva de nós mesmos. A "observação de nós mesmos" se nos afigura uma das coisas mais difíceis do mundo - vermos a nós mesmos exatamente como somos, sem teorias de espécie alguma, sem desespero nem esperança, sem exigências nem opiniões: vermos simplesmente a nós mesmos. A menos que o façamos, não percebo de que maneira possamos transcender esse limitado e estreito círculo em que estamos vivendo.

Como suscitar o estado de percebimento interior, em que possamos ver tudo o que está ocorrendo dentro de nós, sem parcialidades, sem suposições neuróticas - possamos estar cônscios, sem escolha, dos fatos? Não sei se alguma vez tentasses (não, psicanaliticamente) examinar cada pensamento, cada sentimento; descobrir a fonte de tal pensamento ou sentimento; ver, pelo exame do comportamento, sua causa e motivo, e as diferentes camadas (se se pode usar tal palavra) da mente, da consciência. Ora, isso exigiria muito tempo e não nos levaria a parte alguma, porque o processo analítico supõe "o analista", e este está condicionado: por conseguinte, tudo o que examinar será visto através de seu estado condicionado. O processo analítico é obviamente limitado, e não é, portanto, o caminho certo. Deve haver uma maneira de nos olharmos totalmente, sem as complicações da análise introspectiva, etc.; deve haver um estado, uma maneira de olhar, de observar, capaz de revelar-nos todo o conteúdo da nossa consciência. Não sei se já inquiristes a esse respeito e, se o fizestes, qual é vossa resposta? Compreendeis o problema? Os entes humanos estão condicionados; seus padrões de conduta, seus pontos de vista, suas atividades, sua agressividade, seus contraditórios estados mentais - ódio e amor, prazer e dor, desespero e esperança - a batalha constante que se verifica no campo da consciência, a invenção de deuses, crenças, seitas - tudo isso é produto da mente condicionada. Nossas nacionalidades, as divisões entre pessoas, raças, etc., tudo isso é o resultado da educação que recebemos e da influência da sociedade que nós mesmos edificamos. Eis-nos, pois, em pleno campo da consciência - desta nossa consciência que, tão obviamente, se acha condicionada. Como nos libertarmos dessa consciência condicionada, completamente, de modo que não haja mais conflito de espécie alguma? Conflito, luta, batalha - tudo isso é desperdício de energia. Toda a nossa existência se consome dessa maneira - um desejo oposto a outro, uma exigência, um impulso, um instinto em contradição com outro. Tal é nossa maneira de vida - e perguntarmos a nós mesmos se temos possibilidade de abandoná-la de todo, e, se temos, como fazê-lo? É realmente possível isso?

Dissemos que os sistemas, filosofias e religiões não deram liberdade ao homem; ele continua na prisão em que converteu sua consciência, e isso de modo nenhum é liberdade. É o mesmo que um prisioneiro, vivendo entre quatro paredes, dizer que é livre. Não é livre; poderá dar voltas no pátio da prisão, mas a liberdade é uma coisa totalmente diferente, acha-se inteiramente fora da prisão. Vendo-se todo esse complexo* das relações humanas, esse complexo de condicionamento, batalha, luta, medo da morte, solidão, desespero, falta de amor, brutalidade, agressividade, temos possibilidade de libertar-nos dele, de ultrapassá-lo completamente? Nenhum agente exterior pode socorrer-nos; o "agente exterior" é outra invenção dá mente condicionada, outra ideologia da mente que é incapaz de descobrir a saída e, por conseguinte, necessita de uma crença. Ora, quando varreis tudo isso para o lado, resta-vos apenas o fato de que a mente está toda condicionada, tanto a mente consciente como a camada inconsciente, mais profunda. Se estamos cônscio desse fato, que sucede? Se me torno cônscio de que tudo o que faço, todo movimento de pensamento, todo meu esforço, se acha entre os limites desse condicionamento, que sucede então? Entendeis esta pergunta? Percebo que minha mente e até mesmo todo o complexo de células cerebrais estão gravados do enorme peso do passado - memórias, experiência, conhecimentos, tradições, sistemas de comportamento, aceitos em nome da lei e da ordem e que, contudo, permitem a agressão, o assassínio mútuo, a mútua destruição pela palavra, os gestos, as ações. Ora, ***como*** posso tornar-me cônscio disso? Intelectualmente? (Tende a bondade de

acompanhar-me até o fim; não fiqueis meramente a escutar, a ouvir, mas acompanhai-me realmente.) Como posso tornar-me cônscio desse fato? Preciso perguntar a mim mesmo: "Que entendo por 'estar cônscio'?", "Como estou olhando o meu condicionamento?" É bem óbvio que, ao olhá-lo, ou o condeno, ou o justifico, ou o aceito como inevitável.

(Por favor, olhai-o! Estais participando no que se está dizendo? Se não estais, não há então comunicação entre vós e o orador, e não podemos ir mais longe. Se pudermos viajar juntos, haverá então um descobrimento - não pelo indivíduo: um descobrimento, uma compreensão, uma percepção ***humana***, total, e não uma percepção limitada).

Assim, que entendemos por "percebimento de um fato"? Sinto que estou condicionado; isso é um fato, e eu o percebo, dele estou cônscio, conheço-o; que significa isso? Existe alguma separação entre esse percebimento e a coisa percebida? Estou cônscio de meu condicionamento como uma pessoa que o observa "de fora"? Sei que somos agressivos, em palavras, em sentimentos, em atos. Sei-o como conhecimento, ou estou em comunhão com o fato, não como uma entidade externa: uma comunhão que se estabeleceu entre a entidade que está cônscia e a coisa de que está cônscia? Entendeis? Muito importa compreender isso. Dizeis "sei que estou condicionado"; ora, "sei" é uma palavra muito complexa. Estivestes antes olhando o vosso condicionamento, aprendesses alguma coisa a respeito dele e dizeis "sei". Mas, dizendo "sei", já acumulastes conhecimentos a respeito dele, e é com esses conhecimentos que o olhais. Mas, no ínterim, a coisa, o condicionamento, está sujeita a modificar-se, e de fato se modifica. Por conseguinte, é perigoso em extremo dizer "sei". Dizer "eu conheço você" é um absurdo. Ao dizerdes "conheço minha mulher, meu marido, meus filhos, meu amigo, meu Deus (este vem por último) - isso significa que conheceis vossa esposa, ou vosso marido, ou vosso amigo, como eram há dois ou três dias antes. Ora, no ínterim, o amigo, o marido ou a esposa modificou –se. Portanto, dizer "sei" (ou "conheço") é errôneo (se posso usar essa palavra). O conhecimento, pois, vos impede de olhar. Ora, posso "olhar" sem a experiência prévia, sem o conhecimento, isto é, posso olhar de maneira nova, "com olhos novos"? A vida é uma série de experiências, conscientes ou inconscientes; as experiências, as influências de vária espécie, as idéias, a propaganda - tudo isso está constantemente a despejar-se e a deixar marcas em nossa mente. É com essas marcas, memórias - na forma de conhecimento - que olhamos. Por conseguinte, minha visão nunca é límpida, clara. Posso olhar-me com olhos que nunca foram contaminados pela experiência? Por favor, prestai atenção a isso - e fazei-o. Fazei-o, e vereis algo. Se me olho com os olhos da experiência, com olhos que já viram tantas coisas por que passei - tragédias, pensamentos, desesperos e sofrimentos - esses olhos não poderão ver nada claramente. Pode a mente libertar-se de todo o passado, para olhar?

Pode a mente tornar-se cônscia de seu condicionamento, olhá-lo sem nenhuma deformação, nenhuma parcialidade? Eis o problema. É possível olharmos ***qualquer coisa*** - a árvore, a nuvem, a flor, a criança, um rosto de mulher ou de homem ***como se a estivéssemos olhando pela primeira vez?*** É este com efeito, o problema central: olhar com liberdade.

Liberdade significa "estar livre de ***todo*** o passado". O passado é a cultura em que fomos educados, são as influências sociais e econômicas, as peculiares tendências de cada um de nós, os impulsos, os dogmas e crenças religiosas. Com esse passado queremos olhar-nos e, todavia, ***nós mesmos somos esse passado.***

Há duas qualidades de liberdade. Há a liberdade consistente em estar livre ***de alguma coisa*** - estar livre ***da cólera***, por exemplo. Mas libertar-se de uma coisa é uma reação, não é, obviamente, liberdade. Estar livre do nacionalismo não significa nada; todo homem verdadeiramente inteligente está livre desse veneno, mas isso não significa liberdade. Há uma liberdade de espécie completamente diferente, um estado mental em que não existe esforço algum. Essa liberdade é o amor. Este não existe quando dizeis: "Preciso aprender a amar, preciso "praticar amor", "Detesto as outras pessoas, mas vou lutar, vou tentar amar." Isso não é amor. A liberdade é um estado mental em que ***existe o amor***, e este não é o oposto do ódio, do ciúme ou da agressividade. Quando se trata de opostos e estamos tentando livrar-nos de um deles para alcançarmos o outro, esse outro tem sua raiz em seu próprio oposto, não é verdade? Por meio de conflito, a liberdade jamais será compreendida.

Voltemos à pergunta "que significa estar cônscio?" Existe um percebimento daquela árvore, daquela nuvem, do capim cintilante, ao amanhecer; existe um percebimento dessas coisas sem nenhuma interferência do pensamento ou do conhecimento, que causam divisão. Dissemos há dias: Olhai a árvore, ou a nuvem, ou qualquer coisa, sem nenhum espaço. Vós o fizestes? Olhar para vossa esposa ou marido, para vossa amiga ou amigo, sem a respectiva imagem - já alguma vez fizestes isso? Já vistes o que a imagem implica e se podeis livrar-vos dessas "implicações", para que possais olhar? Aí está a chave de todo o

problema e, portanto, muito importa compreender isso. Quando não há separação entre o observador e a coisa observada, não há conflito e, por conseguinte, há ação imediata. Percebo que estou encolerizado. Se o observador é uma entidade separada, vê a cólera como coisa separada, fora de si próprio. Quando há essa separação entre o observador e a coisa observada (a cólera), o observador diz: "Preciso livrar-me dela", "Preciso reprimi-la", ou "Preciso compreendê-la, descobrir a sua causa", etc. etc. Nisso há conflito, um estado de perturbação, pois estou tentando controlá-la, reprimi-la, ou a ela cedendo, racionalizando-a, justificando-a, etc. - tudo isso desperdício de energia, devido ao conflito que acarreta. Mas, quando o observador percebe que ele próprio é a coisa observada, pode então ver que ele próprio é a cólera, que ele e a cólera não são duas coisas separadas. Ao ver que ele próprio é a cólera, não há mais desperdício de energia. Que sucede, que acontece então? Vejo que estou encolerizado (todos vós conheceis esse estado) e não estou separado da cólera, ***sou*** a cólera e dela estou cônscio; não há separação. E, então, que sucede? Quando não há esforço, ou luta, ou contradição, ou batalha, só uma única coisa existe: ***aquilo que realmente é***. E "o que realmente é" sou eu mesmo (o observador que pensava ser diferente da coisa observada). Só existe aquele fato: a cólera, o ciúme, o que quer que seja; ***cessou todo o movimento do pensamento contraditório.*** Por conseguinte, há apenas percebimento, um ***ver*** em que não há divisão, nem ***contradição, e torna-se existente um novo estado de energia***. ***Esse novo estado de energia dissolverá completamente aquele fato.***

Nós necessitamos de energia em abundância; para olhardes uma árvore, sem aquele espaço, sem aquela separação entre a entidade que vê e a coisa vista necessitais de muita energia e atenção, e precisais também de liberdade. A liberdade e a atenção devem estar sempre juntas. Isso é amor - aquela qualidade de energia em que o observador não existe.

Percebestes tudo o que estivemos dizendo? Falei cerca de quarenta e cinco minutos, e gostaria de saber o que ganhastes. Podeis dizer-me o que realmente aprendesses - não o que decorasses, reunindo umas poucas idéias e explicações, porém o que realmente tendes na mão, após me terdes ouvido durante quase cinqüenta minutos?

INTERROGANTE: O ***ver*** é uma força "explosiva"?

KRISHNAMURTI: Eu gostaria de saber porque o perguntais; descobri-o. - Vós vos sujeitastes a muitos incômodos e despesas para virdes aqui e me ouvirdes falar três vezes por semana, durante uma hora, em cada uma destas manhãs. E, chegando o verão, depois de ouvirdes dez ou duas palestras, que tendes na mão?

INTERROGANTE: É difícil exprimi-lo em palavras.

KRISHNAMURTI: Difícil de exprimir em palavras? Saístes das aflições desta vida, ficastes livre de vossa desordem interior?

INTERROGANTE: *(Gravação inaudível)*

KRISHNAMURTI: Minha senhora, não estamos aqui para nos confessarmos uns aos outros; pelo amor de Deus, não reduzamos a isso as nossas reuniões. O que estamos perguntando é se estivemos em comunicação - se há um estado de comunhão entre o orador e vós, a respeito de uma certa coisa. Ao dizerdes a alguém "Amo-te", esta única palavra é suficiente: comunicastes a alguém um profundo sentimento, uma coisa real, e não meras palavras. E - se assim podemos expressar-nos - existe entre nós esse amor que e um verdadeiro estado de comunhão, e não um mero sentimento ou emoção, nenhuma dessas futilidades, porém uma liberdade, um amor que faz de nós entes humanos totalmente diferentes? Afinal de contas, é esta a finalidade destas reuniões: abalar as próprias bases de nosso ser, a fim de descobrirmos uma dimensão completamente diferente. Podemos cometer erros, provavelmente os cometeremos, mas, ao cometermos um erro, devemos vê-lo e "apagá-lo" imediatamente; não fiquemos a "chafurdar" nesse erro. Não sei se me entendesses bem. Vede, senhores, há um imenso trabalho para fazermos juntos, incumbe-nos uma enorme responsabilidade, o mundo se acha numa desordem medonha, num estado aterrador, e quando nos formos daqui, devemos ser entes humanos totalmente diferentes, totalmente responsáveis, para trabalharmos na criação de um mundo diferente. Devemos ser revolucionários, isto é, dentro em nós deve operar-se uma profunda revolução psicológica.

14 de julho de 1968.

QUE É O AMOR

(5)

NÃO sei se alguma vez fizestes a vós mesmos uma pergunta fundamental, uma pergunta intrinsecamente séria e cuja resposta não dependa de outra pessoa, ou de alguma filosofia, algum instrutor, etc. Desejo, hoje, fazer uma pergunta de tal seriedade e de grande significação.

Existe ação correta, correta em toda e qualquer circunstância, ou só há, simplesmente, ***ação*** - nem "correta", nem "errada"? A "ação correta" varia conforme o indivíduo e as circunstâncias em que ele se vê colocado. Como soldado, um indivíduo pode perguntar: "Que é ação correta?" Para ele, por se achar na frente de batalha, a ação correta é, naturalmente, matar. E o indivíduo que tem família, fechado entre as quatro paredes da idéia de posse - minha mulher, meus filhos, meus haveres - para esse há também uma ação correta. E para o homem de negócios, em seu escritório, existe, igualmente, ação correta. Vemos, assim, que a "ação correta" gera oposição: a ação individual oposta à ação coletiva. Cada um alega que sua ação é correta. O homem religioso, com suas crenças e dogmas particulares, pratica o que ele considera "ação correta", e esta o separa dos não crentes, dos que pensam ou sentem o contrário do que ele crê. Há a ação do especialista, que trabalha de acordo com seu saber especializado e diz: "Eis a ação correta." Há os políticos com suas ações acertadas ou erradas, os comunistas, os socialistas, os capitalistas, etc. Há este imenso rio da vida que inclui a vida dos negócios, a vida política, a vida doméstica e também a vida em que há beleza, amor, bondade, generosidade, etc.

Observando todas essas ações fragmentárias, geradoras dos respectivos opostos, interrogamo-nos: "Qual a ação que é correta em todas as circunstâncias?" Ou só há ***ação*** - nem certa, nem errada? Eis uma pergunta bem difícil de responder, até mesmo de fazer, porque, evidentemente, é errôneo matar, é errôneo estar apegado a um determinado dogma e agir em conformidade com ele.

Há os que, em presença desse problema, dizem: "Nós somos ativistas; (doutrina segundo a qual a vida é ação e luta) não nos interessam filosofias, nem teorias, nem nenhuma espécie de ideologia especulativa; o que nos importa é a ação, o "estar ativo". Existem ainda os que não querem saber de "estar ativos" e se retiram para os mosteiros, retiram-se para "dentro de si" e se refugiam num paraíso deles próprios ou passam anos em meditação, esperando encontrar a verdade para, então, de acordo com ela, agirem.

Dessarte, observando esses fenômenos - as ações opostas e fragmentárias dos que dizem "Nós estamos certos", "Eis a ação correta", "Ela resolverá os problemas do mundo", criando, a um só tempo, consciente ou inconscientemente, atividades opostas à sua e, portanto, intermináveis divisões e atitudes agressivas - observando esses fenômenos, perguntamos: "Que podemos fazer?"

Que podemos fazer, num mundo verdadeiramente medonho e brutal, num mundo onde se vê tanta violência e corrupção, onde o dinheiro, e só o dinheiro, tem importância, e onde cada um está pronto a sacrificar os outros para alcançar poder, posição, fama; onde cada um quer e luta por impor-se, preencher-se, ser pessoa importante - que podemos fazer, que pode fazer o ente humano? Não sei se fizestes alguma vez esta pergunta: "Que posso fazer, eu, que vivo neste mundo, onde se vê tanta aflição, o enorme sofrimento que o homem está infligindo ao homem, as agonias que cada um de nós tem de suportar, nossas ansiedades, temores, "sentimentos de culpa", esperanças, desesperos?" Em presença desses fatos, se deles estamos verdadeiramente cientes, não se pode deixar de perguntar: Que posso fazer? Como responderíeis a essa pergunta? Se a fizerdes com toda a seriedade, ela terá uma extraordinária intensidade e instantaneidade. Qual a vossa reação a esse desafio? Vê-se que a ação fragmentária - a "ação correta" - leva à contradição, à oposição, à separação. O homem tem cultivado essa "ação correta", sob o nome de moralidade, observando um padrão de conduta, um sistema em que ficou enredado e pelo qual é condicionado. Para ele, há "ação correta" e "ação incorreta" as quais, por sua vez, produzem outras contradições e oposições. Daí o interrogarmos: Existe uma ação que não seja correta nem incorreta - somente ação?

Não fiqueis apenas ouvindo uma série de palavras e de idéias, concordando ou discordando, aceitando ou rejeitando. Trata-se de um problema bem sério: Como viver não fragmentariamente, isto é, uma vida não dividida em "família", "negócios", "religião", "política", "divertimentos", etc.

Como viver uma vida completa, integral? Espero estejais fazendo a vós mesmos esta pergunta. Se estais, poderemos prosseguir juntos, num estado de comunicação, de verdadeira comunhão, a respeito desta questão tão importante e fundamental.

No Oriente, as pessoas têm seu próprio padrão de comportamento. Dizem: "Nós, os brâmanes, estamos certos, somos superiores, somos ***isto***, somos ***aquilo****;* nós sabemos." Proclamam eles seus dogmas e crenças, sua conduta e moralidade e, entretanto, todos estão em oposição entre si, prontos a matarem-se uns aos outros ao primeiro sinal. Perguntamos, pois: Existe uma vida de ação não fragmentária, não isolada, não dividida? Como descobri-la? Pode ela ser descoberta por meio de explicações verbais, mediante indicações dadas por outrem? Deve ela ser descoberta porque, nunca tendo atuado de maneira completa, vos achais tão cansado, tão exausto, tão desalentado, que precisais dessa coisa diferente? É necessário, pois, vermos claramente o motivo que temos ao fazermos tal pergunta. Se temos um ***motivo***, de ***qualquer*** espécie que seja, nossa resposta não terá significação alguma, porque o motivo dita a resposta. A pergunta deve ser feita sem nenhum motivo, porque só então se pode descobrir a verdade - a verdade relativa a qualquer questão. Ao formulá-la, cumpre descobrir o móvel que nos impele. E, se algum motivo há - desejamos felicidade, desejamos paz no mundo, ou estamos cansados de tanta luta - ou se a razão de nossa busca da ação completa é o cansaço, o desespero, a ansiedade, a fuga, o preenchimento - então, a resposta que teremos será inevitavelmente limitada. Deveis, pois, estar muito atentos ao fazerdes esta pergunta a vós mesmos. Se a fizerdes sem nenhum motivo, estareis livres para olhar. Podemos prosseguir? É muito difícil ser livre de "motivo"?

Que é, pois, ação - ação não fragmentária, que não é "certa" nem "errada", que não cria oposição: a ação não dualista, que não gera conflito, antagonismos? Fazendo a vós mesmos essa pergunta com toda a seriedade, como descobrireis aquela ação? Cabe-nos descobri-la. Ninguém vo-la pode dar, porque isso não seria um descobrimento individual; não seria uma coisa por vós mesmos alcançada, por terdes olhado com clareza, e que, portanto, nunca vos poderia ser arrebatada, nem destruída por nenhuma circunstância. Ao fazer-se tal pergunta, o intelecto, com sua sagacidade - dados os fatos e circunstâncias e vendo-se que toda ação contraditória gera conflito e, por conseguinte, aflição - poderá dizer "Eu a descobrirei (a ação completa)" e dela fazer um princípio, um padrão, uma fórmula, segundo a qual ele ficará vivendo; mas, de acordo com essa fórmula, estareis vivendo como antes, estareis novamente a gerar contradição, a imitar, a seguir, a obedecer. Ora, viver consoante uma fórmula, uma ideologia, uma conclusão é viver uma vida de ajustamento, imitação, conformismo, por conseguinte, uma vida de oposição, dualidade, interminável conflito e confusão. O intelecto não pode responder a essa pergunta, e tampouco o pensamento. O pensamento - como sabeis, se o examinasses profundamente, em vós mesmos - é sempre dividido, jamais produzirá unidade de ação. Poderá produzir uma ação "integrada", mas qualquer ação resultante de uma integração feita pelo pensamento gera inevitavelmente contradição.

Vemos como é perigoso o pensamento - o pensamento como reação da memória, da experiência, do conhecimento, de uma convicção, etc. Vemos ainda que o pensamento, reação do passado, pode estabelecer, planejar uma maneira de vida e forçar-se a si próprio a ajustar-se à fórmula que ideologicamente criou. E percebemos que isso significa conflito interior, porque, aí, há "certo" e "errado", "verdadeiro" e "falso", "o que deveria ser" e "o que não é", "o que podia ter sido", etc. etc. Assim, se a mente puder fazer esta pergunta (que é ação?) livre de motivo, livre do perigo da percepção intelectual e do ajustamento a uma ideologia por ela inventada terá uma resposta inteiramente diferente.

É possível viver-se de maneira tão completa e total que não haja ações fragmentárias? Vida é ação; qualquer coisa que pensamos, sentimos ou fazemos é ação. A vida é movimento, um movimento infinito, mas nós a dividimos em presente, passado e futuro, em viver e morrer, e também em amor e ódio, em nacionalidades. E agora estamos investigando se há um modo de vida - não ideológico, porém real, em cada minuto da diária existência - em que não haja contradição, oposição, fragmentação, em que o próprio viver seja ação completa.

Já refletisses sobre o que é o amor? É ele esta tortura que conhecemos? Essa espécie de amor poderá ser bela no começo quando dizemos a alguém "amo-te" - mas depressa se deteriora, convertendo-se numa relação em que prepondera a posse, o domínio, o ódio, o ciúme, a ansiedade, o medo.

Essa espécie de amor é prazer e desejo. O prazer do sexo e a pressão do desejo mantido pelo pensamento que fica "remoendo" aquele peculiar prazer dia após dia - eis o que chamamos amor. Amor à pátria, amor a Deus, amor ao próximo nada disso tem significação, é mera idéia. Quando falamos em amor ao próximo, na igreja ou no templo, não é isso o que estamos realmente pensando; estamos sendo hipócritas, porque já no dia imediato estamos prontos a destruir o nosso próximo, nos negócios, na competição, no desejo de uma posição melhor, de mais poder, etc. etc. Creio que não exageramos; estamos apenas enunciando o fato, que pode parecer desagradável, mas nem por isso deixa de existir. Nesse amor há também "ação correta", e , "ação incorreta", ambas causadoras de várias formas de conflito. É amor isso - essa coisa

que aceitamos como sendo amor e que se tornou uma parte de nossa natureza? Instintivamente, procuramos esconder essa estrutura, porém, se a olhamos objetivamente, com seriedade, com olhos límpidos, temos de perguntar se isso é amor. Não é, decerto. E, vende-nos enredados no padrão de conduta criado por nós mesmos, ou pela sociedade, no decurso de séculos, somos incapazes de libertar-nos, não sabemos o que fazer e, por conseguinte, há conflito entre o "amor correto" e o "amor incorreto", entre "o que deveria ser" e "o que é". A moralidade dessa estrutura é, em verdade, imoral. Ao sabermos disso, criamos outra ideologia em oposição à imoralidade e, conseqüentemente, conflito. Mas - que é amor? Não quero vossa opinião, nem - vossa conclusão, nem saber o que pensais a seu respeito; que interessa saber o que se pensa dele? Só se pode descobrir o que é o amor quando nos libertamos completamente daquela estrutura de ciúme, domínio, ódio, inveja, desejo de posse - da estrutura do prazer.

O prazer é uma coisa que requer exame. Não queremos dizer que o prazer é "certo" ou "errado", pois isso nos levaria a várias conclusões e, portanto, a "oposições". Mas, no tocante à maioria de nós, o amor está associado, estreitamente entrelaçado com o prazer sexual e outros prazeres. E, se amor é prazer, amor é dor. Ora, se existe dor, há amor? Não há, é lógico; no entanto, continuamos pelo mesmo caminho. Podemos libertar-nos da estrutura, da tradição, da rede em que nos vemos embaraçados, para descobrirmos, ou encontrarmos, aquele estado de amor que não é prazer? - Ele se encontra "lá longe", fora desta tenda; não está "cá dentro" - em nosso íntimo.

É possível uma vida em que o próprio viver seja a beleza da ação e do amor? Não havendo amor, há sempre "ação correta" e "ação incorreta", causadoras de conflito e contradição. Só há uma "ação única", que vem do amor; outra qualquer ação produz contradição e conflito. O amor é "agressivo" e "não agressivo". Não me entendais mal; o amor não é uma coisa pacífica, quieta, alojada "no fundo do porão" ou "lá em cima" no céu. Quando amais, tendes vitalidade, ímpeto, intensidade, há ação direta. Assim, podemos nós, entes humanos, entranhar-nos dessa "beleza atuante" que é o amor?

Seria verdadeiramente maravilhoso se todos nós, aqui neste pavilhão, pudéssemos encontrar esse amor - não como idéia, não como uma coisa alcançável especulativamente - para entrarmos numa diversa dimensão e, doravante, vivermos uma vida integral, completa, ***sagrada***. Eis a vida religiosa; não há outra espécie de vida, outra espécie de religião. ***Esta*** vida pode resolver todos os problemas - porque o amor é sobremodo inteligente, a mais alta expressão da sensibilidade e da humanidade. É ele a única e importante coisa da vida; ou dele nos deixamos entranhar inteiramente, ou não o fazemos. Se pudéssemos, todos nós, entrar nesse estado naturalmente, com facilidade, sem nenhuma espécie de conflito ou de esforço, iríamos viver uma vida diferente, uma vida de alta inteligência, penetração, lucidez. Essa lucidez é que resolve todos os nossos problemas.

INTERROGANTE: Significa isso que vós não fazeis planos?

KRISHNAMURTI: Acho que não. Ao levantar-me, hoje de manhã, eu tive de "fazer um plano" para vir aqui; vós tendes de "fazer um plano" quando precisais tomar um trem na hora certa. Vede - a inteligência resolverá todos os problemas. Tendo passado a vida a imitar, a aceitar, a obedecer, a ajustar-vos a certas fórmulas, se vos tiram à força esta maneira de vida ou vós mesmo a abandonais por verdes quanto é absurda, ficais como que perdido. Mas, se olhardes, observardes intimamente a estrutura, a fórmula, o sistema de acordo com o qual estais vivendo, então, dessa observação, nasce a inteligência, e essa inteligência atuará; essa inteligência, por sua própria natureza, é livre.

16 de julho de 1968.

TRÊS COISAS RELEVANTES

(6)

QUANDO paramos, na reunião anterior, íamos falar a respeito do prazer. Para investigarmos esse importante fato da vida, temos também de compreender o que é o amor e, compreendido este, descobrir o que é a beleza. São, pois, estas três coisas que vamos considerar: o prazer, a beleza (a cujo respeito tanto falamos), e o amor - essa palavra já tão "estragada". Examinaremos estes assuntos com vagar, atenção e certo cuidado, tão vasto é o campo da existência humana que essas três coisas abrangem. E, a meu ver, chegar a conclusões, dizer "Isto é prazer", ou "Devemos abster-nos do prazer", ou "Isto é amor", "Isto é beleza" - é impedir a clara compreensão e o sentimento da beleza, do amor e do prazer. Assim, para procedermos sensatamente, cumpre evitar toda espécie de fórmula, de conclusão, todo e qualquer conceito acerca desta importante matéria. Para entrar-se em contato com a profunda verdade relativa a essas três coisas não se requer atividade intelectual, nem definições verbais, nem qualquer vago sentimento místico ou parapsicológico.

(Devo dizer que não examinei previamente esta matéria, dela tendo apenas uma idéia geral; por conseguinte, estou também investigando, juntamente convosco. Isto é, não preparei uma palestra para vir declamá-la aqui. Assim, se eu hesitar e for prosseguindo com vagar, espero façais com igual cuidado e vagar a vossa investigação.)

O prazer, para quase todos nós, é uma coisa importantíssima. A maioria de nossos valores morais nele se baseiam, seja o prazer final, seja o prazer imediato. Nossas tendências hereditárias e psicológicas, e nossas reações físicas e nervosas baseiam-se no prazer. Se não só examinardes os valores e conceitos da sociedade, mas também vos olhardes interiormente, vereis que o prazer é a coisa que mais persistentemente buscamos em nossa vida. Embora possamos resistir, fazer sacrifícios, reprimir, rejeitar, o alvo final é sempre a obtenção do prazer, da satisfação, do contentamento. A expressão pessoal e o preenchimento pessoal constituem uma forma de prazer e quando se apresenta algum obstáculo à consecução desse prazer, há medo e, conseqüentemente, agressividade. Tende a bondade de observar esses fatos em vós mesmos. Não vos limiteis a ouvir palavras e idéias ou a ler, em algum livro, uma explicação psicológica deles; nada disso tem valor. Notai bem que não estamos dizendo que devemos abster-nos do prazer, que o prazer é um erro, como o alegam, em todo o mundo, os diferentes grupos religiosos. Não estamos dizendo que se deva reprimir, rejeitar ou controlar o prazer, trasladá-lo para um nível mais alto, etc. etc. Estamos apenas a examiná-lo e, se o fizermos com toda a objetividade, com profundeza, daí virá um estado mental em que se encontrará uma imensa felicidade, mas não prazer; felicidade é coisa bem diferente.

Sabemos o que é prazer; conhecemo-lo, ao olharmos uma bela montanha, uma árvore formosa, uma nuvem luminosa que cruza o espaço impelida pelo vento, a beleza do rio, com suas águas cristalinas, em perene movimento. Há inefável prazer em observar essas coisas ou em ver o belo rosto de uma mulher, de um homem, de uma criança; e todos nós conhecemos o prazer que proporciona o tato, o paladar, a vista, a audição. Mas, quando esse prazer intenso é mantido pelo pensamento, vem então a ação contrária - agressividade, vingança, cólera, ódio - resultante da idéia de não conseguirmos o prazer visado e, conseqüentemente, medo. Tudo isso é bem óbvio. Toda experiência é sustentada pelo pensamento - o prazer ontem experimentado de qualquer natureza - sensual, sexual, visual. O pensamento, relembrando, ruminando, revivendo aquele prazer, criando uma imagem que o sustenta, dá-lhe nutrição. O pensamento dá força ao prazer de ontem, dá-lhe continuidade hoje e amanhã. Observai isso. E, quando o prazer sustentado pelo pensamento é impedido, já que restringido pelas circunstâncias, por obstáculos vários, então o pensamento se revolta e desvia sua energia para a agressão, ódio, a violência - que é também uma forma de prazer.

A maioria de nós busca o prazer na "expressão pessoal" ***(self-expression)***. Queremos "expressar-nos", seja em pequenas, seja em grandes coisas. O artista quer expressar-se na tela, o escritor em livros, o músico por meio de seus instrumentos, etc. Essa "expressão pessoal", que tanto prazer nos proporciona, é beleza? Quando um artista se expressa, encontra prazer, intensa satisfação; isso é beleza? Ou, se é incapaz de expressar-se satisfatoriamente na tela ou em palavras, o artista sente descontentamento - uma outra forma de prazer.

Assim, a beleza é prazer? O amor - que já quase se tornou sinônimo de sexo - e a respectiva expressão; o amor, quando dele o pensamento obtém um intenso prazer, é amor? Esse amor, quando contrariado, se converte em ciúme, raiva, ódio. O prazer acarreta necessariamente o desejo de domínio, de posse, a dependência e, por conseguinte, medo. Deste modo, perguntamos a nós mesmos: o amor é prazer? O amor é desejo, em todas as suas formas sutis - sexualidade, companheirismo, ternura, auto-esquecimento? Essas coisas são amor e, se não são, que é então o amor?

Se observastes vossa própria mente em funcionamento, cônscio das atividades do próprio cérebro, podeis ver que, desde a antiguidade, desde o começo, o homem sempre buscou o prazer. Observando o animal, podeis notar quanto é importante o prazer, a busca do prazer e a agressividade que se manifesta quando há obstáculo a esse prazer, quando frustrado o desejo de prazer. Nós somos formados nessa base; nossas conclusões, nossos valores, nossas exigências sociais, nossas relações, etc., tudo se baseia nesse princípio essencial do prazer. Quando esse prazer é contrariado, quando controlado, transtornado, impedido, há então raiva, agressão, que se torna mais uma forma de prazer.

Que relação tem o prazer com o amor? Ou o prazer não está em nenhuma relação com o amor? É o amor uma coisa totalmente diferente, uma coisa não fragmentada pela sociedade, pela religião, em "amor profano" e "amor divino"? Como ireis verificar isso? Como ireis verificá-lo por vós mesmos, quer dizer, sem serdes informado por outrem? - porque, se outra pessoa vos diz o que ele é, e vós dizeis "Sim, está certo", não se trata de uma coisa vossa, de uma coisa que vós mesmos descobrisses e profundamente sentistes.

Que relação tem o prazer da "expressão pessoal" com a beleza e o amor? - É a verdade uma coisa estática? Ou ela é algo que se vai descobrindo pelo caminho, nunca estacionária, nunca permanente, mas sempre em movimento? A verdade não é um fenômeno intelectual, não é nada de emocional ou sentimental, e nós temos de descobrir a verdade acerca do prazer, acerca da beleza e do amor.

Conhecemos as torturas do amor, nossa dependência dele, o medo que ele gera, a solidão resultante de não ser amado, e nossa perene busca do amor sem nunca o termos achado à nossa inteira satisfação. Assim, pergunta-se: O amor é satisfação e ao mesmo tempo tortura, dentro de um círculo de ciúme, inveja, ódio, raiva, dependência?

Quando não há beleza em nosso coração, freqüentamos os museus, os concertos, maravilhamo-nos com a beleza de um antigo templo grego, suas majestosas colunas, suas proporções. Falamos interminavelmente sobre a beleza, mas estamos perdendo o contato com a natureza - como o está perdendo o homem moderno, vivendo cada vez mais nas cidades. Fundam-se clubes com o objetivo de fazer excursões ao campo, para ver os pássaros, as árvores, os rios - como se por essa maneira fosse possível entrar em contato com a natureza e a beleza sem limites! Por termos perdido o contato com a natureza, os modernos quadros "objetivos", os museus e os concertos se tornaram sobremodo importantes.

Há um vazio, uma vacuidade interior que está sempre a buscar expressão, para dela obter prazer, criando-se, em conseqüência, o medo de não obtê-lo completamente e, portanto, a resistência, a agressividade, etc. Tratamos de preencher esse vácuo, esse vazio interior (que decerto já conhecestes) com livros, conhecimentos, relações, artifícios de toda ordem, mas, no final de tudo, continua existente essa vacuidade impreenchívele, então, apelamos para Deus - a última instância... Quando existe esse vazio, esse vácuo profundo, insondável, é possível o amor, a beleza? Se desse vazio nos tornamos cônscios, sem fugir - que devemos fazer? Temos tentado preenchê-lo com deuses, com o saber, com experiências, com a música, os quadros, com fantásticos conhecimentos técnicos; - nesse preenchimento nos mantemos ocupados da manhã à noite. Sabemos que a vacuidade não pode ser preenchida por outrem. Se a preencheis com isso que se chama "relação com outra pessoa", ou uma imagem, daí resulta a dependência, o "medo de perder" e, conseqüentemente, a "posse agressiva", o ciúme e tudo mais. Assim, perguntamos a nós mesmos: Pode esse vazio ser preenchido por alguma coisa, por atividades sociais, pela prática de "boas obras", pelo recolhimento à um mosteiro, para meditar, exercitar-se em "estar cônscio"? (o que, decerto, é outro absurdo). Se não é possível preenchê-lo, que se pode fazer então? Percebeis a importância desta pergunta? Já se tentou preenchê-lo com o que se chama "prazer", por meio da "expressão pessoal", da busca da verdade, de Deus, e vimos que nada pode preenchê-lo - nem a imagem que criamos a respeito de nós mesmos, nem a imagem ou a ideologia que criamos a respeito do mundo; nada pode preenchê-lo. Estivemos, pois, a servir-nos da beleza, do amor e do prazer, para cobrir o vazio e, se não continuarmos a fugir dele, porém "ficarmos com ele", que nos cabe fazer? Está clara a questão - mais ou menos clara?

Que é essa solidão, esse profundo vácuo interior - que é isso, e como se torna existente? Existe ele porque estamos tentando preenchê-lo ou porque estamos a fugir dele? Trata-se apenas de uma idéia de

vazio e, por conseguinte, a mente nunca entrou em contato com o que realmente ***há***, nunca entrou em relação direta com o vazio?

Descubro em mim mesmo esse vazio, e deixo de fugir porque tal atividade é obviamente imatura; percebo que ele existe e que nada pode preenchê-lo. Assim, pergunto: Como se tornou ele existente? Foi o meu modo de viver, foram minhas atividades de cada dia que o produziram? Será que o "eu", o "ego, (ou a palavra que preferirdes) está a isolar-se com sua própria atividade? A natureza mesma do "eu", do "ego", é o isolamento; ele é separativo. Suas atividades produziram esse estado isolado, esse profundo vazio em mim existente; trata-se, portanto, de um resultado, uma conseqüência, e não de uma coisa imanente. Vejo que, enquanto minha atividade for egocêntrica, enquanto consistir em expressar meu próprio "eu", esse vazio necessariamente existirá. Vejo que, para preenchê-lo, faço todos os esforços possíveis. Tais esforços são igualmente egocêntricos, de modo que o vazio se torna cada vez mais vasto e profundo.

É possível transcender esse estado - sem dele fugir, sem dizer "Não quero ser egocêntrico"? Quando um homem diz "Não quero ser egocêntrico", já é egocêntrico. Ao exercer a vontade para negar a atividade do "eu", essa mesma vontade se torna o fator de isolamento.

A mente, com sua necessidade de proteção e segurança, foi condicionada através de muitos séculos e constituiu, tanto fisiológica como psicologicamente, esse padrão de atividade egocêntrica. Essa atividade predomina na vida diária e produz aquele vazio e isolamento. Como pode ela ter fim?

Estais seguindo o que estou dizendo? Vejo esse vazio e vejo como se tornou existente; percebo que a vontade, ou outra qualquer atividade que eu exerça, é apenas atividade egocêntrica sob outra forma; vejo-o muito clara e objetivamente e, de repente, percebo que nada posso fazer. Compreendeis? Antes, eu fazia alguma coisa, fugia ou tentava preencher o vazio, tentava sondá-lo, compreendê-lo, mas percebi que tudo isso era apenas outra forma de isolamento. Compreendi assim, subitamente, que nada posso fazer e que quanto mais tento fazer alguma coisa, mais muralhas de isolamento estou construindo, criando. A própria mente percebe que nada pode fazer em relação ao vazio e que o pensamento não pode entrar em contato com ele porque, no mesmo instante em que o toca, cria mais vazio. Assim, mediante observação atenta e objetiva, vejo esse processo todo inteiro, e esse simples ***ver*** é suficiente. Vede o que sucedeu. Antes, eu me servia da energia para preencher o vazio, andava numa lufa-lufa, e percebo agora quanto isso era absurdo, minha mente o percebe muito claramente, e, por conseguinte, já não estou dissipando energia. O pensamento se aquietou, a mente se tornou completamente silenciosa; nesse silêncio não há solidão. Quando existe na mente esse silêncio completo, há beleza e amor, que podem expressar-se ou não.

Seguistes tudo o que estivemos dizendo? Fizemos juntos a jornada? Minha senhora, não digais "sim". A matéria de que estamos tratando é das mais difíceis e perigosas. O problema é complexo em extremo, mas, se o olharmos bem, ele se tornará muitíssimo simples, e essa própria simplicidade faz-nos pensar que o compreendemos.

Portanto, só há felicidade suprema fora da esfera do prazer; e há a beleza que não é a expressão de uma mente engenhosa, mas aquela beleza que conhecemos quando a mente está totalmente quieta, em silêncio.

Está chovendo e ouve-se o tamborilar das gotas de chuva. Podeis ouvi-lo com vossos ouvidos ou podeis ouvi-lo em virtude daquele silêncio profundo. Se o ouvis com o silêncio total da mente, então, tamanha é a sua beleza, que não pode ser expressa em palavras nem numa tela, porque essa beleza excede a expressão. O amor, obviamente, é uma bênção, que não é prazer.

Desejais continuar a examinar este assunto junto comigo?

INTERROGANTE: Quando não há percebimento, ressurgem todas as velhas "respostas". Como impedir, ou inibir, ou lançar para o lado as "velhas respostas"?

KRISHNAMURTI: Digamo-lo em palavras diferentes; talvez isso seja útil. Há estados de desatenção e há estados de atenção.

Se estais aplicando vossa mente, vosso coração, vossos nervos, tudo o que tendes, em prestar atenção, então os velhos hábitos, as reações mecânicas, não se ingerem nessa atenção, e nela não se ingere o pensamento. Mas, não podendo manter constantemente essa atenção, ficamos a maior parte do tempo num estado de desatenção, um estado em que não pode haver um percebimento vigilante e sem escolha. Que sucede? - Há desatenção e, em raros momentos, atenção, e estamos tentando juntar os dois estados. Como pode minha desatenção tornar-se atenção, e como pode a atenção ser sempre completa?

A desatenção jamais pode tornar-se atenção. Como poderia? Como pode transformar-se ódio em amor? Impossível. Mas investigai as peculiaridades da desatenção, observai-a, vede como surge ela; ficai cônscio da desatenção e não tenteis convertê-la em atenção: não façais nada. Estais desatento; que está sucedendo? Olhai bem claramente a desatenção, tornai-vos cônscio de que estais desatento; então, a transformareis. Mas, não conseguireis transformá-la se disserdes: "Quero estar cônscio de que estou desatento." Entendeis? Por favor, ***olhai*** a desatenção, sem chegardes a nenhuma conclusão; primeiramente, olhai! Há dois estados: um é a desatenção, e o outro (em raros momentos) a atenção completa que existe quando o pensamento não está interferindo. Nesses raros momentos pode-se descobrir algo totalmente novo. Nessa atenção completa há uma dimensão de todo diferente. Se ela se torna coisa conhecida, sentida, lembrada, se se torna memória e dizeis: "Desejo tê-la de novo, "segurá-la", não soltá-la mais" - então já estais novamente num estado de desatenção. Por conseguinte, ficai cônscio da desatenção e não penseis em "como estar atento"; não façais nada a respeito da desatenção. Pois bem; estou desatento, mas estou tendo muito cuidado, observando a desatenção sem tentar dar-lhe qualquer forma, sem tentar alterá-la: estou simplesmente a observá-la. ***Essa própria observação é atenção.***

INTERROGANTE: Vivemos a maior parte de nossa vida diária quase exclusivamente no nível dos fatos; isso se dá principalmente com as crianças, que têm de aprender fatos na escola. Essa cotidiana e necessária atividade "fatual" é um empecilho à liberdade psicológica?

KRISHNAMURTI: Senhor, nada pode ser um empecilho à liberdade psicológica - nada! Um empecilho só pode tornar-se existente quando há resistência. Quando nenhuma resistência existe, não há nenhum problema psicológico. Se tratais da vida diária, com seu tédio e rotina - trabalhar, educar filhos, etc. - com resistência, ela se torna um problema. Mas, se vos tornais cônscio de todo o processo do viver - sua rotina, seus hábitos, seus tédios, suas ânsias, aflições, temores - se dele vos tornais cônscio sem nenhuma escolha, nenhuma resistência (nada podeis fazer a respeito da chuva que está caindo ou dos contornos daqueles montes), não há então nenhum problema psicológico: desse percebimento só vem liberdade.

18 de julho de 1968.

O MEDO

(7)

A COISA mais importante não é amontoar palavras, argumentos ou explicações, porém promover, em cada um de nós, uma revolução profunda, uma profunda mutação psicológica, para que se torne existente uma nova sociedade, uma relação totalmente diferente entre o homem e o homem, relação não baseada na moralidade, como atualmente acontece. Essa revolução, no sentido mais profundo, no sentido total da palavra, não se realiza por meio de nenhum sistema, de nenhuma ação da vontade, de nenhuma combinação de hábito e previdência.

Uma das nossas maiores dificuldades é esta que estamos na sujeição ao hábito. E o hábito, por mais requintado, por mais sutil, por mais radicado e entranhado, não é amor. O amor não pode, em circunstância alguma, ser um hábito. O prazer, como já dissemos, pode tornar-se um hábito e uma exigência contínua, mas não vejo como possa o amor tornar-se um hábito. A profunda e radical transformação a que nos referimos deve basear-se nessa coisa essencial que é o amor, a qual nada tem em comum com o sentimentalismo, nada tem que ver com a tradição ou a cultura já bem consolidada de qualquer sociedade. Quase todos nós, por falta dessa coisa extraordinária, desse amor, resvalamos para hábitos "virtuosos"; mas os hábitos não podem, em tempo algum, ser virtuosos. Um hábito não é bom nem mau; é meramente ***hábito***, isto é, repetição, imitação, ajustamento ao passado e à tradição, produto do instinto hereditário e do saber adquirido.

Se cultivamos o hábito, ou vivemos em função do hábito, haverá inevitavelmente aumento do medo. É isto que vamos examinar, todos juntos, nesta manhã. A pessoa que se encastelou no hábito, como é o caso da maioria de nós, viverá, sempre e necessariamente, com medo. Por "hábitos" não entendo apenas repetição, mas também os hábitos de comodidade, os hábitos para os quais deslizamos em determinadas relações, como a relação entre marido e mulher, entre a coletividade e o indivíduo, entre as nações, etc.

Todos nós vivemos em função de hábitos, de tradicionais e já bem consolidados linhas de conduta e comportamento, de "respeitáveis" maneiras de olhar a vida, de opiniões profunda e solidamente arraigadas, ou sejam preconceitos.

Enquanto a mente não for sensível, alertada, ágil, não será capaz de viver com a realidade da vida, que é uma coisa fluida, em constante mutação. Psicologicamente, interiormente, não queremos acompanhar o movimento da vida, porque nossas raízes estão profundamente cravadas no hábito e na tradição, na observância do que nos foi ensinado, na aceitação. Considero sumamente importante compreendermos essas coisas e delas nos libertarmos, pois não vejo como possa o homem continuar a viver sem amor. Sem ele, continuaremos a destruir-nos uns aos outros, a viver como fragmentos, cada fragmento em guerra com outro, em revolta contra outro; e o hábito, em qualquer de suas formas, gera medo, inevitavelmente.

Deixai-me sugerir-vos que não vos limiteis a concordar e a dizer "Sim, de fato vivemos em função dos hábitos; que devemos fazer?" - mas que presteis atenção a eles, vos torneis cônscios e altamente sensíveis aos hábitos que tendes. Ficai cônscios, não só de vossos hábitos físicos, como fumar, comer carne, beber - tudo isso são hábitos - mas também dos hábitos profundamente radicados na psique: aceitação, crenças, esperanças e desesperos, agonias, tristezas. Se pudéssemos examinar juntos este problema do hábito e também o problema do medo (e desse modo, talvez, pôr fim ao sofrimento), haveria então a possibilidade de encontrarmos um amor nunca dantes conhecido, uma bênção sem nenhuma espécie de contato com o prazer.

A maioria de nós seguimos por canais constituídos pelos hábitos conscientes ou inconscientes; pensamos que há hábitos corretos e errados, bons e maus, hábitos de conduta correta e hábitos não "respeitáveis", considerados imorais pela sociedade. Mas a moralidade da sociedade é, intrinsecamente, imoral. Isso é muito fácil de observar, pois a sociedade está alicerçada na agressão, no espírito de aquisição, no domínio de um sobre outro. Nós aceitamos essa moralidade, vivemos nessa estrutura que aceitamos como inevitável, e isso se tornou um hábito. Transformar esse hábito, ver quanto é imoral (embora essa imoralidade se tenha tornado altamente "respeitável"), vê-lo bem claramente e agir com uma mente já libertada do hábito, de maneira totalmente nova - isso só é possível quando se compreende a natureza do medo. Muito facilmente poderíamos transformar qualquer hábito, libertar-nos de qualquer hábito consolidado e de fundas raízes, se não fosse o medo que temos de, em conseqüência disso, sofrermos mais ainda, ficarmos ainda mais incertos e em maior escuridão. Tende a bondade de observar-vos, de observar

vosso próprio estado mental, ver que a maioria de nós poderíamos vencer facilmente qualquer hábito se, do outro lado, não estivesse o medo, a incerteza.

O que nos faz - à maioria de nós - aferrar-nos aos nossos hábitos é o medo. Portanto, examinemos esta questão do medo, não intelectual ou verbalmente, porém tornando-nos cônscios de nossos temores psicológicos, examinando-os. Isto é, concedamos ao medo espaço para florescer, para depois, em pleno florescimento, observarmos. O medo é um fenômeno bem estranho, tanto biológica como psicologicamente. Se pudéssemos compreender os temores psicológicos, então, os temores biológicos poderiam ser facilmente remediados, facilmente compreendidos. Infelizmente, começamos com os temores físicos, descuidando-nos dos temores psicológicos; temos muito medo da doença e da dor, com ela se preocupa nossa mente inteira e não sabemos atacar o problema da dor, sem provocar uma série de conflitos na psique. Já se pudermos começar com os temores psicológicos, talvez então possam os temores físicos ser compreendidos e racionalmente resolvidos.

É óbvio que, para olharmos o medo, não deve haver fuga. Todos temos cultivado vários meios de fuga, a fim de evitarmos o medo. A própria fuga ao medo aumenta o medo; isto é também muito simples. Portanto, a primeira coisa que se deve ver é que a fuga ao medo é uma forma de medo. Fugindo dele, estamos apenas a voltar-lhe as costas, mas ele continua existente do mesmo modo. Compreendei, pois, não verbal ou intelectualmente, compreender realmente que nenhuma possibilidade temos de fugir dele; ele continua existente, qual uma chaga. Não podeis evitá-lo, ele é um fato. Dai, pois, ao medo espaço para florescer. Assim como dais à bondade espaço para florescer, dai também espaço ao medo para sair à luz; podereis, então, observá-lo. Se já alguma vez plantastes uma videira de crescimento rápido (se isso vos interessa), sabeis que, voltando a ela no fim do dia, a videira já tem duas folhinhas, já está a crescer com extraordinária rapidez. Da mesma maneira, olhemos o medo; demos-lhe espaço para mostrar-se em plena luz, e olhemo-lo. Isso é coisa semelhante a uma pessoa depender de outros porque tem medo de estar só e, por causa dessa dependência, praticar toda uma série de atos hipócritas. Se percebe as atividades da hipocrisia e as abandona, essa pessoa pode ver o seu medo de estar só, e com ele "ficar", deixá-lo mover-se, crescer, a fim de observar sua natureza, sua estrutura e características.

Quando sois capaz de olhar o medo sem tentar evitá-lo, ele assume um caráter diferente. Espero estejais fazendo isso, examinando vosso medo pessoal - por mais que o tenhais nutrido ou evitado - sem tentar a fuga em nenhuma maneira, sem julgamento, condenação, justificação. Surge então - se chegasses até aí - a questão: ***Quem*** está observando o medo? Tenho medo, não importa de quê - da morte, de perder o emprego, da velhice, da doença; tenho medo e não estou fugindo dele; ele é um fato. Olho-o, e para olhar qualquer coisa preciso de espaço: se fico perto demais, não posso vê-lo. E, quando olhamos o medo e lhe damos espaço e liberdade para viver, ***quem é*** que está olhando o medo? Quem é que diz: "Não fugi do medo e estou a olhá-lo - não perto demais, para que ele possa crescer, viver; não o estou sufocando com minha ansiedade" quem é que diz isso? Quem é o observador? - a coisa observada é o medo. O "observador" é, sem dúvida, a série de hábitos, a tradição que ele aceitou e segundo a qual está vivendo; é o padrão de conduta, a crença positiva ou negativa. O observador é isso, não? O observador é a entidade "cultivada". A mente cultivada, "estilizada", sistematizada, sujeita ao hábito essa mente é o observador que está olhando o medo. Por conseguinte, ele não está olhando o medo diretamente: está a olhá-lo com a cultura, a ideologia tradicional. Conseqüentemente, há conflito entre ele com todo o seu ***fundo*** *(background)* e condicionamento entre ele, a entidade separada, e a coisa observada, o medo. "Ele" a está olhando indiretamente, procurando razões para não aceitá-la, e logo começa uma batalha interminável entre o "observador" e a "coisa observada". A coisa observada é o medo, e o observador o olha com o pensamento, que é reação da memória, da tradição, da cultura.

Cumpre, pois, compreender a natureza do medo. Vamos examinar este ponto? Trata-se de uma coisa muito simples (espero não a estar tornando complicada). Eu não sei o que acontecerá amanhã; posso perder meu emprego; não sei - tudo pode acontecer amanhã. Foi o pensamento que produziu esse medo; ele me faz dizer: 'Posso perder meu emprego, minha mulher pode abandonar-me e eu ficar sozinho. Posso tornar a sentir a dor que ontem senti, etc." - O pensamento, o pensar no amanhã e na incerteza do amanhã, gera medo. Isso é suficientemente claro, não? Se sobrevém um acontecimento alarmante em que o pensamento não tenha tempo para interferir, não há medo. Só quando há um intervalo entre o incidente e a reação, o pensamento tem possibilidade de interferir e dizer "Tenho medo". Temos medo da morte; o medo da morte é o hábito, a cultura em que fomos criados. Por isso, o pensamento "diz": "Um dia morrerei; pelo amor de Deus, não pensemos neste assunto, afastemo-lo para longe." Mas o pensamento teme a morte e criou uma distância entre si e aquele dia inevitável; por isso, há medo. Assim, para se compreender o medo, cumpre

examinar toda a estrutura e natureza do pensamento. Pode-se ver facilmente o que é o pensamento. Ele é a reação da memória, das milhares de experiências que deixaram um resíduo, uma marca nas próprias células cerebrais; o pensamento é bem material. Assim posso eu, como "observador", olhar o medo, sem provocar, sem estimular o pensamento com todo seu acervo de cultura e de explicações? Existe então medo?

Em primeiro lugar, temos medo, porque nunca olhamos o medo; tratamos sempre de evitá-lo a todo custo. Esse evitar só cria medo, conflito e luta, ações neuróticas, violência, ódio, aflição, etc. Ora, para podermos olhar sem pensamento, temos de ser muito sensíveis, tanto física como psicologicamente altamente sensíveis. Isso, entretanto, é impossível quando estamos funcionando dentro dos limites do pensamento. Transcender o pensamento - coisa "impossível" para a maioria de nós é descobrir se de alguma maneira "é possível" nos libertarmos do pensamento.

Podemos prosseguir? Estamos em comunicação? Se não estamos, lamento, porque, assim, não podemos ir para diante.

Em geral, somos fisicamente insensíveis, porque comemos demais, fumamos em excesso e abusamos dos prazeres sensuais. Não estou dizendo que "não devemos fazer isso", mas, dessa maneira, a mente se torna embotada e, quando a mente se embota, o corpo se torna mais embotado ainda. Por este padrão é que estamos vivendo. Como sabeis, é muito difícil alterar um regime alimentar. Estais habituados com certos alimentos e paladares; dele tendes constante necessidade e, se não os obtendes, sentis medo de adoecer, etc. O hábito físico produz insensibilidade. Obviamente, o hábito de tomar uma certa droga, o hábito de beber, de fumar, torna, inevitavelmente, o corpo insensível, prejudicando a mente, que é a totalidade da percepção e precisa ver claramente e livre de todo conflito. Conflito não é apenas desperdício de energia, mas também torna a mente embotada, pesada, estúpida. Escravizada como está ao hábito, essa mente é insensível. Em razão dessa insensibilidade, desse embotamento, ela teme aceitar o que é novo não uma nova idéia ou ideologia ou uma nova fórmula - o que seria o cúmulo da estupidez). Percebendo que esse processo de viver em função do hábito gera insensibilidade e torna a mente incapaz de pronta percepção, rápida compreensão, rápida movimentação, começamos a compreender o medo, tal qual é, vemos que ele é produto do pensamento e perguntamos, então, se se pode olhar alguma coisa sem que o mecanismo do pensamento entre a funcionar. Não sei se alguma vez olhastes alguma coisa sem o mecanismo do pensamento. Isso não significa ficar "sonhando acordado", não significa pôr-se num estado vago, numa espécie de estupor; pelo contrário, significa que se está vendo toda a estrutura do pensamento - desse pensamento que tem um certo valor num certo nível, e nenhum valor tem noutro nível... Olhar o medo, olhar a árvore, olhar a esposa ou os amigos, olhar com olhos completamente incontaminados pelo pensamento... Se o fizerdes, vereis que o medo não tem nenhuma realidade, que ele é produto do pensamento e, como todos os produtos do pensamento - excetuados os "produtos" tecnológicos nenhuma validade tem.

Assim, olhando-se o medo e dando-se-lhe liberdade, ele está acabado. É de esperar que ouvindo com toda a atenção o que aqui se está dizendo, nesta manhã - não as palavras ou argumentos e sua seqüência lógica ou ilógica, porém ouvindo realmente - possais ver a verdade. E, se vedes ser verdadeiro o que se está dizendo, ao sairdes daqui estareis livres do medo.

Como sabeis, todo o mundo vive atormentado pelo medo. Este é um dos mais monstruosos problemas que cada um de nós tem de resolver... O medo de sermos "descobertos", de trairmos a nós mesmos, de que seja divulgada alguma coisa que dissemos há anos... Esse medo nos põe nervosos, nos faz mentir. É necessário compreender a extraordinária natureza do medo e que viver com me medo é viver na escuridão. Ele é uma coisa terrível. Estamos cônscios de sua existência e não sabemos o que fazer com ele - o medo da vida, o medo da morte, o medo dos sonhos. Quanto aos sonhos, sempre se admitiu como coisa normal, como um hábito, como coisa inevitável, sonhar, dizendo certos psicólogos que, se não sonhamos, enlouquecemos. Isto é, dizem eles ser impossível não sonhar nada. Entretanto, nunca perguntamos: "Por que sonhamos? Que significação têm os sonhos? O importante não é saber o que são os sonhos e como podem ser interpretados (o que, com efeito, é uma coisa complicadíssima e de ínfima importância). Ora, seremos capazes de descobrir se é possível não sonharmos, para que possamos dormir a pleno, fruir um perfeito repouso e, na manhã seguinte, despertar com a mente renovada? Eu digo que isso é possível.

Como já dissemos, só descobrimos o que é possível quando transcendemos o "impossível". Por que sonhamos? Sonhamos porque - não vamos empregar termos técnicos, nenhuma terminologia especial, porém, palavras comuns - sonhamos porque durante o dia, a mente está ocupada com as tarefas diárias - ir para o escritório ou a fábrica, cozinhar, lavar pratos, etc.

Quer dizer, superficialmente, estamos ocupados. A consciência mais profunda está desperta, mas nada pode transmitir à mente consciente, porque esta se acha superficialmente ocupada. Isto é simples.

Quando dormis, a mente superficial está mais ou menos quieta, não quieta de todo, pois continua a ocupar-se com o emprego, com o que dissestes a vossa esposa, com as "implicâncias" dela, enfim, com seus temores; todavia, está relativamente quieta. Nessa relativa quietude, o inconsciente projeta sugestões de suas próprias necessidades, suas próprias ânsias, seus próprios temores. Essas sugestões à mente superficial traduz em sonhos. Já fizestes alguma experiência a esse respeito? Interpretar sonhos ou dizer que é necessário sonhar, é coisa sem importância; mas, tratai de descobrir se é possível não sonhar nada. Só é possível se durante o dia estais cônscio de cada movimento do pensamento, cônscio de vossos "motivos", de vossa maneira de andar, de falar, do que dizeis, de porque fumais, do significado de vosso trabalho, cônscio da beleza dos montes, das nuvens, das árvores, da lama na estrada e de vossas relações com outrem. Ficai cônscio sem nenhuma escolha observando, observando sempre. Ficai cônscio de que, nesse observar, há também desatenção. Se fizerdes isso durante o dia, vossa mente se tornará sobremodo penetrante, vigilante, não apenas a mente superficial, porém a consciência inteira, sua totalidade, porquanto nenhum pensamento secreto escapa à sua vigilância, nenhum recesso da mente fica por explorar. Então, quando dormis, vossa mente está sobremodo quieta, não há sonhos, e uma atividade inteiramente diferente se verifica. A mente que, no curso do dia, viveu com "intensidade" - cônscia de suas palavras e, se comete um erro, cônscia desse erro, sem dizer "não devo errar" ou "preciso lutar contra este erro" essa mente despertou a consciência inteira, e quando adormece já lançou fora todas as velharias de ontem.

O medo (estou fazendo-vos dormir?), o medo não é um problema insolúvel. Havendo compreensão do medo, há compreensão de todos os problemas com ele relacionados. Se não há medo, há liberdade. E, quando há essa completa liberdade e independência interior, psicológica, a mente está livre de todo e qualquer hábito. O amor não é hábito. O amor não é cultivável, e os hábitos podem ser cultivados. Mas, para a maioria de nós o amor é uma coisa que se acha tão distante, que nunca lhe conhecemos a excelência, não lhe conhecemos sequer a natureza. Para encontrar-se o amor, necessitasse de liberdade. Quando a mente se acha inteiramente em silêncio, em plena liberdade, surge então "o impossível" - o amor.

21 de julho de 1968.

.

SOFRIMENTO, MORTE, AMOR

(8)

TODO ser humano anseia por uma certa experiência transcendental, um certo sentimento ou estado mental livre da monotonia diária, da solidão e do tédio da vida. Temos necessidade de viver para alguma coisa. Desejamos dar um significado à vida, porque vemo-la tão cansativa, e agitada, e aparentemente sem nenhuma significação. Enchemos nossa vida de palavras, de símbolos, de sombras. Em geral, aceitamos de mau grado uma vida superficial, cercando-a, contudo, de grande mistério.

Existe um mistério (a bem dizer, não devíamos fazer uso desta palavra), uma coisa verdadeiramente incrível, que não pode ser alcançada por nenhuma crença, nenhuma experiência ou aspiração; uma coisa que não se pode expressar em palavras, que nada tem que ver com o sentimento, com "explosões" emocionais. Só pode vir-nos essa coisa quando não nos achamos nas redes do "conhecido". E a maioria de nós não sabe, sequer, o que é o conhecido, de modo que, não compreendendo basicamente a nossa natureza, com seus crus instintos animais, sua violência e agressividade, tentamos, mentalmente ou por meio de algum processo de meditação, alcançar uma certa visão ou o sentimento de um estado diferente. Penso que é isso o que a maioria de nós - não importa o que sejamos - comunistas, católicos ou adeptos de alguma seita insignificante que nos proporciona entretenimento - penso ser isso o que a maioria de nós anda a buscar em plena escuridão. Todos desejamos alcançar uma certa coisa que seja incrivelmente bela, inviolável, fora da rede do tempo.

Vemo-nos aprisionados no "conhecido", e o conhecido – nós mesmos - é tão difícil de compreender! É dificílimo nos olharmos "cara a cara", sem a intromissão de nenhum preconceito, nenhuma opinião, nenhum julgamento: ver-nos simplesmente a nós mesmos tais como somos. Herdamos do animal, do macaco, todos os nossos instintos e reações e evolvemos sob a influência de tradições e culturas. Eis as coisas que não temos vontade de olhar; elas são "o conhecido".

Seria maravilhoso se pudéssemos olhar-nos a nós mesmos. Em geral, infelizmente, não parecemos dispostos a fazê-lo e, por essa razão, desejamos achar algo de extraordinariamente belo e nobre - sem contudo querermos reconhecer o que ***realmente*** é, o "conhecido" (consciente ou inconsciente), que a maioria de nós desconhece. Temos muito medo de ultrapassar esse "conhecido". Para o ultrapassarmos, cumpre examiná-lo, entrar na sua intimidade, familiarizar-nos com ele, compreender sua estrutura e natureza. A mente não poderá transcender os fatos do conhecido se não o tiver compreendido total e completamente, se não tiver vivido em íntimo contato com todos os movimentos do pensamento, do sentimento, com a brutalidade e os instintos do animal. Só então é possível irmos mais longe e descobrirmos aquilo que se pode chamar a verdade, e uma beleza não separada do amor - descobrirmos um estado, uma dimensão diferente, onde haja um movimento perenemente novo, vigoroso, positivo.

Por que razão temos tanta inclinação a aceitar - não importa o quê? Por que razão tão facilmente aquiescemos, a tudo dizemos "sim"? Seguir é uma de nossas tradições; como um rebanho, vamos sempre atrás do guia - o instrutor, o guru, a "autoridade". Onde há autoridade, há também, evidente e inevitavelmente, medo. Dá-nos o medo um certo ardor e energia para alcançarmos êxitos, realizarmos uma certa promessa ou esperança, a felicidade, etc. Assim, é possível nunca aceitar, mas sempre examinar, explorar?

Se estais sentados aí embaixo, e o orador aqui, no alto de um palanque, é muito difícil não conferir-lhe uma certa autoridade. Essa relação física de "alto e baixo" produz, inevitavelmente, uma certa espécie de aceitação - "Vós sabeis e nós não sabemos. Ensinai-nos o que devemos fazer e, se pudermos, seguiremos vossas instruções." Eis, a meu ver, a coisa mais "mortal" que uma pessoa pode fazer: seguir a ***outrem***, adotar um padrão indicado por outrem. Qualquer fórmula dada por outrem leva inevitavelmente ao conflito, à aflição, ao medo psicológico. É dessa maneira que estamos vivendo. Uma parte dessa estrutura da autoridade é a aceitação de nossa atual maneira de vida, e nossa incapacidade de ultrapassá-la; precisamos de alguém que nos diga o que devemos fazer.

Para examinarmos a nós mesmos como realmente somos - uma realidade verdadeiramente fantástica! - necessitamos de humildade; não a rígida humildade cultivada pelo homem vaidoso, pelo sacerdote ou disciplinante. Para olhar, precisamos de humildade; de outro modo, não podemos olhar. Por natureza, nós não somos humildes; ao contrário, somos arrogantes, pensamos saber "muita coisa". Quanto

mais envelhecemos, tanto mais arrogantes e pretensiosos nos tornamos. Onde há qualquer julgamento, qualquer avaliação, qualquer hipótese, ideologia ou fórmula relativa ao que "deveríamos ser", não há humildade.

Um dos nossos maiores problemas é o sofrimento. Aceitamos o sofrimento como norma da vida, assim como aceitamos a guerra como norma da vida - não apenas a guerra no campo de batalha, mas a guerra dentro de nós mesmos, nossa luta interminável, interior e exterior. Aceitamos o sofrimento como norma da vida e, todavia, nunca indagamos se há possibilidade de pôr fim ao sofrimento.

Pergunto a mim mesmo por que razão sofremos? Sofremos, por um lado, quando estamos indispostos fisicamente, quando sentimos dores que não podemos debelar, ou dores tão excruciantes e penetrantes que nos privam da razão. Há nisso enorme sofrimento, como o há em toda essa questão da doença física, da incapacidade física, do envelhecimento orgânico, acompanhado do medo da velhice. E, por outro lado, há dor e sofrimento no campo da existência psicológica: o sofrimento que nos vem de não termos amor e desejarmos ser amados, de não termos claridade, de não podermos olhar "o que é" com olhos imaculados; o sofrimento da ignorância (não de livros nem de técnicas; os computadores têm um extraordinário acervo de "conhecimentos", mas são máquinas ignorantes) - a ignorância, a falta de compreensão de nós mesmos, do que realmente somos. Essa ignorância causa enorme penar, não apenas dentro de nós mesmos, porém em nossas relações com a comunidade, com a raça, com todo o mundo. Há o sofrimento resultante da aceitação do tempo como meio de alcançarmos nossos alvos ou uma certa bênção futura. E, ainda, o sofrimento causado pelo findar da vida, pela morte - de outras pessoas e nossa própria morte.

O sofrimento causado pela dor física, pela falta de amor e as frustrações da "expressão pessoal" (*self-expression*), pelo amanhã que nunca chega, pelo vivermos no mundo do "conhecido" e sempre com medo do desconhecido - eis o caminho que estamos percorrendo na vida. Aceitamos essa maneira de vida, e essa própria aceitação é uma barreira que nos impede de ultrapassá-la. Só quando a mente não aceita, mas está sempre a questionar, a duvidar, a exigir, a investigar, só então é ela capaz de enfrentar o que realmente ***é***, tanto exterior como interiormente, e, talvez, de ultrapassar esse perene sofrimento do homem.

Por conseguinte, exploremos juntos, para descobrirmos se é possível extinguir o sofrimento - não verbal, intelectual ou racionalmente, pois o pensamento jamais porá fim ao sofrimento. O pensamento, a capacidade intelectual de raciocinar, ainda que muito lucidamente, não faz cessar a amargura. Para isso necessitamos de uma capacidade totalmente diferente, uma capacidade não cultivada através do tempo: a capacidade de olhar.

Porque sofremos? ***Olhemos*** primeiramente o sofrimento psicológico, a dor, a solidão, a ansiedade, o medo, os passageiros entusiasmos, que trazem suas peculiares tribulações. Se pudermos compreender o penar psicológico, talvez tenhamos a possibilidade de enfrentar a dor física, a doença física e a velhice, que traz a incapacidade, o declínio da energia, do ardor, etc. Examinaremos primeiramente o sofrimento psicológico e, então, no próprio ato de compreendê-lo, o sofrimento físico será também compreendido.

Que é o sofrimento? Que dizeis vós? Decerto, já conhecestes o sofrimento - o sofrimento que se traduz em lágrimas, sentimento de solidão, de isolamento, sofrimento em que há uma alta dose de autocompaixão. Se olhais a vós mesmos e perguntais "Que é sofrimento?" - eu gostaria de conhecer a vossa resposta. Não nos referimos no sofrimento físico, mas ao sentimento de agonia, de extrema aflição, de impotência o muro que vemos à nossa frente.

Eu gostaria de saber o que o sofrimento significa para vós; ou estais sempre a evitá-lo, e nunca entrasses em contato com ele? A própria fuga ao sofrimento é outra forma de sofrimento. Considere-se a morte - o morrer. Se evitamos essa palavra, se nunca enfrentamos e examinamos o inevitável, esse simples ato de evitá-lo é uma forma de sofrimento, uma forma de medo, que gera aflição. Assim, que é sofrimento? Por favor, não espereis por uma explicação. A maioria de nós já o conheceu em diferentes formas. A ânsia de nos preenchermos mediante a "expressão pessoal" e não conseguirmos esse preenchimento faz-nos sofrer; o desejo de ter fama e a incapacidade de conquistá-la também geram o penar; o sofrimento da solidão, o sofrimento de não ter amor e desejar sempre ser amado; o sofrimento de nutrir uma esperança e estar sempre incerto de vir a realizá-la. Olhai vós mesmos o sofrimento; não aguardeis uma explicação do orador.

Quase todos sabemos o que é o sofrimento. A frustração, a solidão, o sentimento de total isolamento, de vazio interior, de absoluta incapacidade para enfrentar a vida, nossa luta incessante - tudo isso é sofrimento. Em presença desse sofrimento, dizemos: "O tempo o curará", "Eu o esquecerei", "Alguma coisa de maior importância, uma experiência muito mais real, há de acontecer ..." Dessa maneira estamos sempre a fugir, por meio do tempo, ao fato real, que é a própria dor. Isto é, vivemos das agradáveis

recordações do passado, vale dizer, vivemos no tempo. E vivemos também no futuro; evitamos o sofrimento atual para vivemos de uma certa ideologia do futuro, de uma esperança, de uma crença. Desse círculo nunca conseguimos escapar, nunca conseguimos destruí-lo. Pelo contrário, todo o mundo ocidental diviniza o sofrimento, como se pode observar em qualquer igreja. No Oriente, explicam-no mediante palavras sânscritas (o que, positivamente, não tem significação alguma), como "causa e efeito" e que, por essa razão, - sofremos, etc. etc. Quando percebemos a realidade do sofrimento, quando o vemos com toda a clareza, como um fato, "apalpando-o", "provando-o", perguntamos a nós mesmos como transcendê-lo. Esta é, de fato, uma questão importantíssima que cabe a cada um de nós resolver.

Ao olhardes pela primeira vez aquelas montanhas, distantes, majestosas, inteiramente alheias à fealdade da vida - a beleza de seus contornos, iluminados pelo sol poente, então, a própria magnificência desse espetáculo torna a mente silenciosa. Ficais como que aturdidos. Mas o silêncio que aquelas montanhas e aqueles montes e prados verdejantes produzem é completamente artificial. O mesmo sucede quando se dá a uma criança um brinquedo novo. Este absorve o interesse da criança. Mas, depois de entreter-se suficientemente com ele e de quebrá-lo, a criança perde o seu interesse no brinquedo e de novo se torna irrequieta e travessa. Do mesmo modo, somos despertados por algo de grandioso, por um grande desafio, uma grande crise, que nos põe subitamente quietos. Mas, depois, saímos desse silêncio - que pode durar alguns minutos ou alguns dias e voltamos à nossa vida habitual.

Existe este tremendo fato que é o sofrimento, e nunca tivemos a possibilidade de transcendê-lo. Dele podemos fugir por meio da bebida e outros meios - mas isso não é transcendê-lo. Pois bem, aí está o fato - a morte, o tempo. Podeis olhá-lo em completo silêncio? Podeis olhar silenciosamente vosso próprio sofrimento - não por tratar-se de uma coisa tão grandiosa e complexa que sejais forçado ao silêncio, mas, ao contrário, podeis olhá-lo porque sabeis de sua magnitude, porque sabeis quanto é complexa a vida e o viver e a morte? Podeis olhá-lo objetivamente, em silêncio? Penso que esta é a "saída". Emprego com alguma relutância a palavra "penso" - mas esta é, com efeito, a ***única saída***.

Se a mente não está em silêncio, quieta, como poderá compreender qualquer coisa, como poderá compreender, olhar, entrar em perfeita intimidade e familiaridade com a morte, com o tempo, ou o sofrimento? E, qual é a entidade que diz: "Estou sofrendo", "Estou aflito", "Passei dias de conflito, de agonia, de desespero"? Quem é essa entidade que está sempre repetindo "não posso dormir", "não me sinto bem", "sou isto, sou aquilo", "sou infeliz", "não me olhaste", "não me amaste" que é essa entidade que está sempre a falar entre si? Decerto, é o pensamento. Voltamos, assim, ao fato primário: o pensamento, que buscou o prazer, se viu frustrado, e agora se lamenta: "Perdi o ente que amava, estou sozinho, desditoso, triste (e isso é autocompaixão, "ter pena de si próprio"), o pensamento que, recordando a boa camaradagem, os dias felizes de outrora, que encobriam a solidão e o vazio interior, começa a queixar-se "Sou infeliz"; tal é, exatamente, a natureza da autocompaixão.

Assim, podeis olhar a vós mesmos - sendo "vós mesmos" toda essa complexa entidade - o pensamento com sua autocompaixão, suas dores e ansiedades, seus temores, agressões, brutalidades, exigências sexuais, impulsos - sois capazes de olhar-vos todo inteiro, em silêncio? Após vos olhardes dessa maneira, estareis, então, talvez, aptos a perguntar: Que é a morte?

(Som de um avião, ao alto)

Prestastes atenção ao maravilhoso som, ao barulho produzido por aquele avião? Podeis escutar com igual beatitude e silêncio o barulho da vida?

Se sois capazes de ***olhar***, ***de escutar***, podeis então perguntar, conscienciosamente: "Que é a morte? Que significa morrer?" - Esta pergunta não interessa apenas aos velhos, mas a todos os entes humanos - tal como o perguntar "Que é o amor", "Que é o Prazer?", "Que é a beleza?". Qual a natureza das verdadeiras relações humanas - as relações em que não há a interferência de imagem alguma? Assim como perguntamos o que é o amor e a beleza, devemos também fazer esta pergunta fundamental: O que é a morte? Nós não queremos fazê-la, provavelmente por sentirmos um certo medo de formulá-la. Pode um indivíduo dizer de si para consigo: "Desejo experimentar o morrer, ficar realmente cônscio de como morremos" - e tomar uma droga para manter-se desperto e observar o exato momento em que cessa a respiração, experimentar aquele extraordinário momento em que "já não há vida". Que é, pois, a morte, que é morrer, que é findar? - não "o que acontece depois"; essa é outra questão, a cujo respeito podem inventar-se teorias sem conta, crenças, esperanças, fórmulas. Que é morrer, não de velhice, porém morrer enquanto se está vivo, cheio de vitalidade, energia, intensidade, capacidade de explorar? Como descobrir isso? - "Que é a morte?" Não é uma pergunta

mórbida. Não desejais saber, a fundo, por vós mesmos, através de vossos nervos, de vosso cérebro, de tudo o que tendes - não desejais saber o que significa "amar"? Não desejais saber o que significa receber essa bênção inefável, e não desejais, com o mesmo ardor e a mesma vitalidade, saber o que é a morte? O morrer requer - não achais? - ***inocência***. Mas nós não somos inocentes; vivemos milhares de anos, tivemos milhares de experiências e todas elas estão vivas nas próprias células cerebrais. O tempo desenvolveu a agressividade, a brutalidade, a violência, o espírito de domínio. Na mente de cada um de nós não há purificação, clareza, vigor, juvenilidade; ela foi maculada, torturada, pervertida.

Para saber o que é a inocência, é necessário ***vivê-la*** e saber o que é a morte. Decerto, é só quando podeis morrer - psicologicamente, interiormente - para tudo o que sabeis, para vosso passado, para ele morrer naturalmente, livre, feliz, - é só assim que pode haver inocência, frescor, olhos imaculados. Sois capaz disso? Podeis lançar fora, facilmente, sem esforço, as coisas a que vos apegastes? Todas as lembranças, agradáveis e desagradáveis, a consciência de "minha família", "meus filhos", "meu Deus", "meu marido", "minha esposa" - a incessante atividade egocêntrica - podeis lançar fora tudo isso - voluntariamente, e não sob a compulsão do medo, da necessidade; com a mesma tranqüilidade que vem do ***olharmos*** o problema do viver desse viver que é luta, que é um campo de batalha? Pôr fim a tudo isso, sair desse círculo, ser como um "forasteiro" em relação a ele - sois capaz disso? ***Escutai*** esta pergunta: "Sois capaz disso?" Podeis responder: "Não, não sou, isso não é possível." Dizendo que isso não é possível, quereis dizer que só é possível se souberdes o que acontecerá se tudo aquilo acabar. Quer dizer, só estais pronto a largar uma coisa se estais certo de receber outra em troca. Só dizeis "não é possível" por que não sabeis o que é "o impossível". Descobrir isso é tornar-se cônscio tanto do possível como do impossível, e passar além. Vereis então, por vós mesmos, que tudo o que psicologicamente acumulastes pode ser posto de parte com a maior facilidade. Só então podeis saber o que é viver. Viver é morrer, morrer todos os dias para tudo aquilo quê lutamos para alcançar e que acumulamos; morrer para nossa própria importância, nossa autocompaixão, nossa tristeza, para os prazeres e agonias dessa coisa chamada viver. É só esse o viver que conhecemos e, para vê-lo por inteiro, a mente deve estar perfeitamente quieta.O próprio ***ver*** de toda a estrutura é a verdadeira disciplina; o próprio ***ver*** disciplina. Saberemos então, talvez, o que significa morrer; saberemos o que significa viver, não esta vida de torturas, porém uma vida inteiramente diferente, uma vida surgida de uma profunda revolução psicológica - que não é um desvio do movimento da vida.

Na próxima reunião desejo, se o permitirdes, falar sobre uma coisa tão importante como o amor e a beleza e o significado da morte. Essa coisa é a meditação. O que desejamos fazer, se possível, é considerar a questão de como viver de maneira totalmente diferente, de como realizar essa imensa revolução psicológica, para que deixe de haver agressividade, e só haja inteligência. A inteligência pode sobrelevar à agressividadee à "não -agressividade", porque compreende a natureza da agressão e da violência. Uma tal revolução faz surgir uma vida da mais alta sensibilidade e, por conseguinte, da mais alta inteligência. Esta parece-me ser a única questão importante: como viver uma vida de bem-aventurança, de grande intensidade, de modo que, conhecendo a verdadeira natureza e estrutura de nosso ser - enraizada no animal, no macaco - possamos transcendê-la.

23 de julho de 1968

AS VIRTUDES DA MEDITAÇÃO

(9)

VAMOS considerar juntos um problema um tanto complexo. Quase todos nós estamos vivendo aos fragmentos — vida política, vida religiosa, social, individual, familial, etc. Parecemos incapazes de descobrir por nós mesmos uma ação que seja total — não dividida em fragmentos — uma ação que resolva todos os problemas englobadamente. Não parecemos capazes de viver uma vida total, completa, plena, e estamos sempre tentando descobrir uma ação que nos dê pleno contentamento e satisfação em qualquer trabalho que façamos, como profissionais, como políticos ou pessoas religiosas. Afigura-se-nos quase impossível

descobrir uma atividade que resolva todas as questões sem criar contradição, nem um sentimento de insuficiência.

Nesta manhã vamos considerar uma coisa que talvez atenda a essa necessidade de uma atividade total, global, isenta de divisões e contradições. Vamos tratar da questão da meditação. Alguns de vós talvez pensem que a meditação é apenas uma interessante experiência individual com o fim de descobrir algo existente além dos limites da mente. Outros podem achar que ela é apenas uma desnecessária introdução a uma coisa sem valor para o viver de cada dia. E outros, ainda, talvez já tenham feito experiências em conformidade com sistemas do Extremo, do Próximo ou do Médio Oriente.

Antes de entrarmos no assunto, acho necessário mencionar, para fins de esclarecimento, certos requisitos essenciais. Em primeiro lugar, devemos estar livres de toda espécie de hipocrisia — dissimulações, padrões duplos de vida, atividades duplas, o dizer uma coisa e fazer outra — e não deve haver nenhuma espécie de automistificação. A maioria de nós achamo-nos precariamente equilibrados entre a hipocrisia e o desejo de dizer a verdade. Tornamo-nos tão presumidos, após termos experimentado alguma visão ou estado emocional trivial e insignificante, pensado ter alcançado o pináculo das coisas! Assim, é possível sermos, com todo o nosso ser, nas ações e nos pensamentos, absolutamente honestos, e não hipócritas? Isso é muito importante; porque, se a algum respeito nos mostramos hipócritas, isso nos levará à automistificação e à ilusão. A mente que deseja descobrir a correta meditação não deve de modo nenhum deixar-se atrair por esse duplo padrão de vida, para o qual tão facilmente resvalamos, dizendo uma coisa, fazendo outra, e pensando outra coisa inteiramente diferente.

Em segundo lugar, é necessária a mais alta forma de disciplina. Em geral não gostamos da palavra “disciplina”. Disciplina significa, suponho, pela raiz latina dessa palavra, “aprender”. Mas, nós temos compreendido ou interpretado erroneamente essa palavra, dando-lhe o significado de ajustamento, obediência, imitação, coisas essas que implicam a repressão de nossos desejos, ambições e necessidades, a fim de nos ajustarmos a um padrão, a uma fórmula, seguirmos um ideal; nisso há sempre conflito entre “o que é” e “o que deveria ser”. O esforço para alcançar “o que deveria ser” leva à hipocrisia. E a maioria dos idealistas têm — para o dizermos muito delicadamente — umas tintas de hipocrisia, porque estão evitando “o que é”. O ajustar-se a um padrão do que “deveria ser” leva ao conflito, à luta, a uma existência dual e, por fim, a duplos padrões e à hipocrisia. Quando empregamos a palavra “disciplina”, estamos-lhe dando um sentido totalmente diferente. Dissemos ser necessária a disciplina em sua forma completa e mais elevada, a disciplina sem ajustamento, sem repressão, na qual não se segue nenhuma ideologia, nem se cria nenhum padrão dualista de existência. Essa disciplina não é uma compulsão externa ou algo que impomos a nós mesmos em virtude de um impulso interior a ajustar-nos, a imitar, a seguir, a obedecer, porém, ao contrário, ela é o próprio ato de aprender. Se desejais aprender uma língua, precisais de uma mente disciplinada; o próprio aprender é disciplina, e nela não há conflito. Se não desejais aprender nenhum idioma, o caso está encerrado; mas, se o desejais, então o próprio aprender cria sua peculiar disciplina. Portanto, a disciplina, no sentido mais elevado, ou seja, como “sensibilidade da inteligência”, é necessária. Esse o segundo ponto.

O terceiro, que é uma coisa um pouco mais complexa, é o problema dos ***gurus***. Creio que essa palavra significa, em sânscrito, “o homem que indica o caminho”; ele não assume a responsabilidade de guiar a pessoa. Dessa palavra se tem abusado, como de tantas outras palavras. O guru era, antigamente, um homem com quem outras pessoas viviam. Ele lhes dizia o que deviam fazer, como deviam olhar, como deviam examinar. Vivendo com ele, as pessoas talvez aprendiam alguma coisa, não por imitação, nem por ajustamento a um padrão por ele indicado, porém pela observação pura e simples. Foi daí que se originou a ilusão dos gurus. Notai, por favor, que é necessário compreender um tanto profundamente este problema. Já que vamos examinar a questão da meditação — questão, em si, altamente complexa — precisamos compreender a necessidade de estarmos livres de toda e qualquer autoridade, inclusive a deste orador, para que a mente, a forma suprema da inteligência, seja sua própria luz. Essa inteligência não pode aceitar nenhuma autoridade, nem do Salvador, nem do mestre, do guru — de ninguém. Ela tem de ser — e de fato é — a luz de si própria. Poderá cometer erros, poderá sofrer, mas, no mesmo “processo” de sofrer, de cometer erros ela estará aprendendo, sendo sua própria luz.

Há neste mundo tantos gurus, uns às ocultas, outros abertamente. Promete cada um deles que, seguindo um certo sistema ou método, a mente alcançará a verdade; mas, nenhum sistema ou método — que implica imitação, ajustamento, obediência e, por conseguinte, medo — pode ter alguma significação para a mente que está investigando a questão da meditação, questão que requer uma mente altamente sensível e fiel (isto é, que funciona com exatidão e segurança. - N. do T.). Supõe-se que o guru “sabe” e vós “não sabeis”, que ele é um indivíduo altamente evolvido que acumulou, através de muitas vidas, de muitas experiências, e

seguindo outros gurus superiores, etc., um saber imenso. E vós, que vos encontrais bem abaixo dele, podeis, gradualmente, atingir aquela forma suprema do saber. Todo esse sistema hierárquico — que existe, não só exteriormente, na sociedade, mas também interiormente e entre os chamados gurus — é, muito evidentemente, quando se está investigando a verdade, uma ilusão.

O saber — afora a tecnologia — que valor tem? Há necessidade do saber científico, do saber técnico; não podemos jogar fora tudo o que o homem acumulou através dos séculos. Esse saber é necessário, e de modo nenhum podemos destruí-lo. Os santos e todos os que afirmam que o saber mecânico é inútil têm seus particulares preconceitos. Posso conhecer-me mui pro fundamente; todavia, se há alguma acumulação de conhecimentos, esse saber começa a interpretar, a traduzir tudo o que vê, em conformidade com o passado. Enquanto existe essa carga de conhecimento — conhecimento psicológico, interior — não pode haver nenhum movimento livre. E aí temos a diferença entre o homem livre dessa carga e aquele que afirma saber e ser capaz de levar outrem a esse saber supremo. E se esse homem diz ter alcançado a realidade, desconfiai completamente dele, por que o homem que diz que sabe, não sabe.

Necessitamos de base correta, ou seja, da conduta justa, da virtude. Se cometemos erros, é porque, talvez, lançamos uma pedra fundamental pouco sólida; lançai a sólida pedra da virtude, para terdes uma base indestrutível. Não há virtude, se não há amor. A virtude não é uma coisa que temos de cultivar para torná-la um hábito. A virtude nunca pode ser um hábito, porque ela é uma coisa viva. E esta é que é sua beleza: não ser um hábito, porém uma coisa sempre viva.

Necessitamos, pois, dessa base da virtude, em que não há nunca hipocrisia nem, por conseguinte, ilusão. E necessitamos daquela forma suprema da disciplina, que é uma sensibilidade de ação pronta, de pronta compreensão. A disciplina não é uma coisa que podemos converter num hábito; cumpre-nos estar vigilantes todas as horas, todos os minutos, todos os dias. É por falta dessa base que há tanta calamidade, tanto engano, tanta hipocrisia e ilusão. Como dissemos, qualquer espécie de autoridade (referimo-nos à autoridade interior, e não à autoridade da Lei), qualquer espécie de autoridade interior, ancorada no saber, na experiência, no conceito de que um sabe e outro não sabe, só pode gerar a arrogância, a falta de humildade, tanto por parte do que sabe como daquele que procura segui-lo. Assim, se está bem firmado isto, profundamente estabelecido, podemos passar a examinar esta coisa extraordinária chamada meditação.

Para a maioria de nós, a palavra "meditação" pouco significa. É uma idéia bem firmada no Oriente que "meditação" significa certas maneiras de pensar, concentração, repetição de palavras e a observância de sistemas. Todas essas coisas negam a liberdade e a ligeireza da mente. A meditação não é como que um desvio, um entretenimento. Ela é uma parte de nossa vida, tão fundamental e essencial como o amor e a beleza. Não importa o que uma pessoa faça — pode "buscar", andar de uma religião para outra, de um livro para outro, de uma para outra atividade — buscar incessantemente a verdade: jamais a achará, porque a busca da verdade implica que a mente é capaz de achá-la e capaz de dizer "Eis a Verdade!" Mas, pode-se saber o que é a Verdade? Pode-se reconhecê-la? Se a reconhecemos, ela já é uma coisa pertencente ao passado. A verdade, pois, não pode ser descoberta por meio de busca; ela vem sem ser chamada ou, se temos sorte, por acaso. A meditação não é uma fuga à vida, nem uma atividade pessoal de um dado indivíduo.

Não há caminho para a verdade. Um caminho é uma coisa estática que leva a outra coisa também estática. Há um caminho daqui à aldeia mais próxima; a aldeia, com seus edifícios, está fixada num lugar, e há um caminho para lá. Mas não é assim a verdade; ela é uma coisa viva, um movimento e, por conseguinte, nenhum caminho pode levar a ela — nem vosso, nem meu, nem "deles". Isso deve ficar-nos bem claro na mente, na compreensão, pois o homem tem inventado tantos caminhos, dizendo-nos ser necessário fazer isto ou aquilo para se achar alguma coisa — como os comunistas, que dizem não haver outra maneira de governar senão a deles — a qual implica a tirania, a dita dura, a brutalidade, o assassínio. Se está agora limpo o terreno, podemos passar a investigar o que é meditação. Ela não é um monopólio do Oriente; uma das maiores monstruosidades é o dizer-se que há pessoas aptas a ensinar-nos a meditar.

Assim, tratemos de averiguar por nós mesmos não como indivíduos, porém como entes humanos que estão vivendo neste mundo, com todas as complexidades da moderna sociedade — tratemos de averiguar por nós mesmos o que é o amor. Não, "achá-lo", mas pôr naquele estado de perfeição, de excelência mental, em que não há nenhuma carga de ciúme, de aflição, de conflito, de autocompaixão. Só então temos a possibilidade de viver nesta dimensão diferente que é o amor. E, se o amor é de imensa importância, também o é a meditação.

Como podemos nós — não o pergunto indiferentemente, porém com toda a seriedade — como podemos nós tratar deste problema, deste fato tão óbvio que nossa mente está condicionada, que nossa mente está, incessantemente, a fazer barulho, nunca em silêncio? Podemos tentar impor-lhe silêncio ou ele vem

acidentalmente, por acaso. Para tratarmos deste problema, para ***aprendermos***, para ***vermos***, necessitamos de uma mente quieta, uma mente não dividida, não torturada. Se desejo ver bem claramente uma coisa — uma árvore, uma nuvem ou o rosto de uma pessoa — se desejo vê-la tal como é, sem nenhuma deformação, minha mente não pode estar fazendo barulho, é óbvio. A mente deve achar-se perfeitamente quieta, para observar, para ver. E esse próprio ver é agir, é aprender. Que é, pois, meditação? É possível a meditação — usando a palavra com o sentido dado pelo dicionário, e não o "extraordinário" significado dado por aqueles que pensam saber o que é meditação — é possível considerar, observar, compreender, aprender, ver claramente, sem nenhuma deformação, ouvir as coisas tais como se dizem, sem interpretá-las ou traduzi-las conforme nossos preconceitos? Ao escutardes o canto matinal de um pássaro, é possível escutá-lo "completamente", sem que uma só palavra vos desponte na mente, escutá-lo com atenção total, sem dizerdes "que belo, que maravilhoso, que manhã encantadora!"? Isso significa que a mente deve estar em silêncio, e ela não pode estar em silêncio quando há qualquer deformação. Eis porque é necessário compreender qualquer espécie de conflito entre o indivíduo e a sociedade, entre o indivíduo e seu próximo, entre o indivíduo e sua mulher, seus filhos, etc. Havendo contradição interior, a qual surge quando um indivíduo deseja expressar-se de diferentes maneiras e não o consegue, essa contradição causa conflito, luta, dor, pervertendo a excelência, a sutileza, a presteza da mente.

Meditação é a compreensão da natureza da vida, com sua atividade dual, seu conflito; é ver seu verdadeiro significado, para que a mente — embora condicionada há milhares de anos para viver em conflito, luta, em perene batalha — se torne clara, livre de deformações. Vê-se que inevitavelmente ocorre deformação quando a mente está seguindo uma ideologia, a idéia do que "deveria ser", em oposição ao que é; daí resulta dualidade, conflito, contradição e, por conseguinte, uma mente torturada, pervertida. Só existe uma única coisa: o que é; "o que é", e nada mais. Interessar-se inteiramente em "o que é", é lançar fora toda espécie de dualidade e, por conseguinte, ficar livre de conflito, ter uma mente não torturada. Meditação, pois, é o movimento em que a mente vê realmente "o que é", sem interpretá-lo, sem traduzi-lo, sem desejar que "não fosse", sem aceitá-lo. Disso a mente só é capaz quando o observador deixa de existir. Vede, por favor, que importa compreender isto. Quase todos nós temos medo; existe o medo, e quem deseja libertar-se do medo é o observador. O observador é a entidade que reconhece um "medo novo" e o traduz em conformidade com os velhos temores, trazidos do passado, que ele armazenou e dos quais sempre tentou fugir. Enquanto existir "observador" e "coisa observada" haverá inevitavelmente dualidade e, portanto, conflito, que deformará a mente. Esta é uma questão das mais complicadas e precisa ser compreendida. Enquanto existe "observador", existe necessariamente o conflito da dualidade. É possível transcender o "observador"? O observador é toda a acumulação do passado — o "eu", o "ego", o pensamento que brota desse passado acumulado. Meditação, pois, é a compreensão de todo o mecanismo do pensamento. Espero que, enquanto o orador se está exprimindo por meio de palavras, estejais escutando e observando muito claramente os fatos, a fim de verdes se há possibilidade de eliminar todo o conflito, para que a mente fique totalmente em paz — não satisfeita, porquanto a satisfação só pode surgir quando há insatisfação — ou seja, mais urna vez, o "processo" da dualidade. Não havendo observador, mas, apenas, ***observar*** e, portanto, nenhum conflito, só então ha possibilidade de paz completa; de outro modo, só há violência, agressão, brutalidade, guerras e todas as demais "linhas de conduta" da vida moderna. Assim, meditação é a compreensão do pensamento e a investigação, pelo próprio indivíduo, a fim de ver se é possível o pensamento cessar. Só em silêncio pode a mente ver "o que é", realmente, sem deformações, sem hipocrisia, sem automistificação. Há sistemas... Há gurus, e outros, que dizem que para pormos fim ao pensamento temos de aprender a arte de concentrar-nos, a arte de controlar. Mas, uma mente disciplinada — "disciplinada" para imitar, ajustar-se, aceitar e obedecer — está sempre com medo. Nunca poderá estar quieta, porém apenas simular quietude. E não é possível haver uma mente quieta mediante o uso de qualquer droga ou a repetição de certas palavras; podemos reduzi-la ao embotamento, mas isso não é "estar quieto".

A meditação é o fim do sofrimento, o fim do pensamento que gera medo e sofrimento — o medo e o sofrimento existentes na vida diária, em nossa vida conjugal, em nossa vida profissional. No exercício de uma profissão tendes de fazer uso de vossos conhecimentos técnicos; mas, se esses conhecimentos são utilizados para fins psicológicos — tornar-se mais poderoso, ocupar um cargo que dê prestígio, honras, fama — eles só podem gerar antagonismo e ódio. Em tais condições, a mente jamais compreenderá a verdade. Meditação é a compreensão da vida, a compreensão do sofrimento e do medo, a qual nos dá a possibilidade de transcendê-los. "Transcendê-los" não significa meramente compreender intelectual ou racionalmente o significado do "processo" do sofrimento e do medo; é ***transcendê-los realmente***. E transcender o sofrimento

e o medo é observá-los e vê-los muito claramente, tais como são; nesse “ver muito claramente”, o “observador” forçosamente desaparece.

Meditação é vida, não é uma fuga da vida. Meditação não é, decerto, “experimentar” visões ou ter estranhas experiências místicas; como sabeis, podeis tomar uma dessas drogas que expandem a mente, e ela produzirá certas reações químicas que tornarão a mente altamente sensível; nesse estado de sensibilidade, podeis ver as coisas mais intensamente, porém em conformidade com vosso condicionamento. E, também, meditação não é repetição de palavras; ultimamente se tornou moda alguém dar-vos uma certa palavra, uma palavra sânscrita, a qual ficais repetindo, esperando, desse modo, ter uma certa e extraordinária experiência. Isso é o cúmulo do absurdo. Naturalmente, se ficais repetindo uma série de palavras, a mente se entorpece e, por conseguinte, se torna quieta; mas isso de modo nenhum é meditação. Meditação é a compreensão constante da vida, em cada minuto, com a mente sobremodo ativa, vigilante, sem nenhuma carga de medo, de esperança, sem nenhuma ideologia, sem sofrimento. E se pudermos chegar juntos tão longe — e eu espero que alguns de vós o tenham conseguido, realmente, e não teoricamente — entraremos então numa esfera bem diversa.

Como dissemos no começo, não podemos ir muito longe se não lançamos a base adequada, ou seja, essa compreensão da vida diária — essa vida de solidão, de tédio, de excitação e prazeres sexuais, de ânsias de preenchimento, de “expressão pessoal”, a vida diária de conflito entre o ódio e o amor, vida em que necessitamos ser amados, vida de profunda solidão interior. Se não compreendermos essa vida em todos os seus aspectos, sem nada deformarmos, sem nos tornarmos neuróticos, porém mantendo-nos perfeitamente sensíveis e equilibrados, não teremos possibilidade de ir muito longe. E uma vez lançada, profundamente, essa base, a mente se torna capaz de absoluta quietude e, por conseguinte, de estar completamente em paz. Só então é possível descobrir se, além dos limites da mente, existe alguma coisa, tal seja a Realidade, Deus, essa coisa que o homem vem buscando há milhões de anos através de seus deuses e templos, sujeitando-se a sacrifícios, tornando-se eremita... Enfim, todos os absurdos e invenções que o homem tem experimentado.

Como sabeis, até certo ponto é possível a explicação, a comunicação verbal, mas, além desse ponto, cessa a comunicação verbal — o que não significa nada de misterioso, de metafísico, parapsicológico. As palavras só existem para fins de comunicação, para transmitirmos algo exprimível verbalmente ou por meio de um gesto.

Mas, não é possível exprimir em palavras o que se acha além daquele ponto; descrevê-lo não tem nenhuma significação. A única coisa que se pode fazer é abrir a porta, aquela porta que fica aberta quando existe ordem, não a ordem da sociedade — que é desordem — porém a ordem que nasce ao vermos “o que é”, sem nenhuma deformação produzida pelo “observador”. Se não há deformação alguma, há então ordem, e esta encerra em si própria uma extraordinária e sutil disciplina. O que se pode fazer é só deixar aberta a porta. A realidade poderá então entrar por ela, ou não entrar — não podemos convidá-la a entrar; mas, se temos sorte, por algum feliz acaso ela poderá vir e dar-nos suas bênçãos. Nós não podemos buscá-la. Afinal de contas, isso é beleza e amor. Não podemos buscar o amor; se o buscamos, ele se torna a continuação do prazer — que não é amor. Há uma felicidade suprema que não é prazer; se mente se acha no estado de meditação, há essa imensa felicidade. Então, já não há lugar para as contradições, as brutalidades, a violência do viver cotidiano. Mas é necessário trabalhar duramente, todos os dias, para lançar a base necessária; só ela importa e nada mais. Daquele silêncio, que representa a própria essência da “mente em meditação”, pode vir o amor e a beleza.

25 de julho de 1968.

.

VIVER SIGNIFICA AGIR

(10)

MUITOS de vós, ao dardes um passeio a sós pelo bosque, à hora do poente, deveis ter tido ocasião de observar a vinda de uma peculiar quietude. O ar está parado, os pássaros calaram-se, nem uma folha se agita, e sobre vós desce uma grande tranqüilidade, um sentimento de distanciamento. E, enquanto observais, enquanto ***escutais*** a beleza do entardecer, naquela extraordinária quietude em que tudo parece imobilizado, estais em completa comunhão, em completa harmonia com todas as coisas em derredor — não há pensamento, nenhuma palavra, nenhum julgamento ou avaliação, nenhum sentimento de separação. De certo, já experimentastes tudo isso, num passeio a sós, desembaraçado de todas as vossas preocupações e problemas, por uma senda que ladeia um regato sempre a murmurejar. Vossa mente está tranqüila e vos sentis inteiramente em paz, todo entranhado de beleza e amor, de um sentimento inefável. Naturalmente, já tivestes tal experiência; mas agora estais aqui sentados, e o orador vo-la está descrevendo, está pondo em palavras àquela maravilhosa quietude do entardecer, e vós estais escutando com um "motivo", ou seja, o desejo de terdes aquela experiência; mas, uma vez que tendes um "motivo", ele não virá. De modo idêntico, se tendes algum "motivo", ele vos impedirá de escutar o orador. Este está apenas descrevendo uma certa coisa — não tem motivo nenhum — mas se, sutil, invejosa ou agressivamente, quereis possuir o que ele está descrevendo, cessa então a comunicação entre o orador e vós. Vós tendes um motivo, e ele não tem nenhum. Está apenas dizendo uma coisa, não com o fim de divertir-vos ou de comunicar-vos que experimentou algo prodigioso, para despertar em vós a inveja e o desejo de terdes igual experiência. Há, então, incompreensão entre nós.

Estamos vivendo num mundo de incompreensão. Se vos dizem uma coisa, vós a interpretais consoante o vosso ***fundo***, os vossos desejos, vossa complexa natureza e, por isso, há incompreensão. Essa separação entre um fato e a interpretação desse fato gera incompreensão. A matéria que nesta manhã vamos examinar é, inevitavelmente, algo complexa, e contudo terá de ser explicada em palavras. As palavras têm forma e conteúdo, tanto para vós, como para o orador, e se essa forma e conteúdo não for percebida bem claramente pelo orador e por vós, haverá incompreensão e vos vereis num mundo bem diferente daquele que as palavras deveriam representar. Por conseguinte, ao nos comunicarmos uns com os outros, devemos estar bem atentos à maneira como escutamos as palavras e à representação que elas suscitam. Afinal de contas, servimo-nos da palavra para nos comunicarmos e, se o conteúdo, o sentido, a forma da palavra não estiverem perfeitamente claros para cada um de nós, estaremos vivendo em mundos diferentes, cada um com uma compreensão diversa — que pode ser ou não ser incompreensão. As palavras, portanto, podem tornar-se perigosas em extremo, a menos que as empreguemos sem nenhum motivo, como, por exemplo, quando dizemos que uma árvore é verde, que o dia está maravilhoso. Mas, se digo "Tive uma imponente experiência da Realidade", então, a intenção, o "motivo" é despertar inveja em vós: eu tive aquela experiência, e vós não a tivestes. Se digo: "Possuo este valioso tesouro e desejo que o tenhais também" — nesse caso o meu "motivo" é de despertar vossa avidez, vossa agressividade ou, talvez, o desejo de seguir-me, de colocar-me num pedestal. Isso está acontecendo constantemente em redor de nós. Se alguém diz: "Eu ***realizei*** Deus"(* "Realize: Sentir vivamente como uma realidade" (Dic. "Funk Wagnals"). (N. do T.)), ou "Tive a suprema experiência" — di-lo com a óbvia intenção (do contrário, não o diria) de despertar em vós aquela agressiva avidez. Assim, tanto aquele que diz ter tido a mirífica experiência, como vós, que desejais tê-la também, estais vivendo num mundo de incompreensão, não havendo, portanto, possibilidade de comunicação entre ambos. Isso é bem óbvio. De modo idêntico, a mente não tem possibilidade de estar perfeitamente quieta quando há qualquer intenção ou motivo. Na quietude que experimentamos ao passearmos a sós num bosque, não há nenhuma palavra, nenhuma sentença, nenhum observador com sua complexa natureza, seu condicionamento, suas exigências, sua inveja, seu desejo de oprimir e explorar, etc.; estamos simplesmente a passear, totalmente inconscientes de ***nós mesmos***. Não há "observador" e, assim, estamos completamente em relação com tudo o que nos cerca. Nessa relação não há separação, não há divisão, não há julgamento, porém uma união completa a que talvez possamos chamar "amor". Espero que isso vos esteja mais ou menos claro. Em geral, nós nos desentendemos porque cada palavra tem para cada um de nós um significado diferente, não só em razão de seu conteúdo, mas também porque cada palavra provoca desejos e reações emocionais de vária espécie. Se nada disso está ocorrendo agora, temos, então, a possibilidade de investigar. É isso o que

vamos tentar, nesta manhã, devendo cada um de nós estar bem cônscio do perigo da palavra, da representação que a mente terá de cada palavra, dando a esta um conteúdo que o orador pode não ter a intenção de dar — daí decorrendo incompreensão entre nós. E, assim, um ir-se-á daqui com uma impressão, Outro com sua própria interpretação... E o orador pode não ter querido dizer o que pensais que ele disse.

Precisamos ter muito cuidado, estar intensa e inteligentemente vigilantes quando estamos investigando a natureza da religião. Ao ouvirdes a palavra "religião", se sois muito intelectual e estais vivendo neste sofisticado mundo moderno, obviamente direis: "Que bobagens estais dizendo!" Por que mencionais tal palavra? — religião é um mero entretenimento, uma invenção dos sacerdotes, dos capitalistas, etc. Assim, a palavra "religião" (estamos aludindo a meras palavras) suscita na mente um certo conteúdo, uma certa imagem, que aceitais ou rejeitais, enquanto para o orador ela não tem conteúdo nenhum. Essa palavra vem sendo empregada pelo homem, na sua busca do permanente, há milhares de anos. Diz ele: "Vivo neste mundo de coisas transitórias, neste mundo de impermanência, neste mundo de caos, desordem, agressão, violência, guerras e opressão, neste mundo em que tudo morre; deve haver alguma coisa permanente." Ele está, pois, buscando com o "motivo" de achar uma coisa permanente, eterna, uma coisa que lhe dê esperanças, porque neste mundo há tanto desespero, tanta agonia e, vez por outra, uma passageira alegria; seu "motivo" é descobrir alguma espécie de perene consolação. Assim, o que ele busca, achará, porque já predeterminou o que deseja achar. Isso é bem simples. Quando indagamos o que é religião, não deve esta palavra, toda vez que a empregamos, conter nenhum desejo, não deve estar "carregada". Isso, também, é bastante simples.

Quando se pergunta "Que é religião?" ("religião", no sentido de busca da realidade) — há duas maneiras de considerar essa questão: a maneira negativa e a maneira positiva. Temos de rejeitar completamente tudo o que não é religião; do contrário, já temos juízo formado, já estamos condicionados, porque nos sentimos totalmente desamparados se não temos nada a que estar apegados, intelectual, verbal, emocionalmente. Não há então nenhuma possibilidade de explorar; estamos vivendo num mundo de incompreensão, que criamos para nós mesmos. E, se o orador diz "Vamos examinar esta questão; consideremo-la sem nenhum preconceito", e não tiverdes rejeitado "o que não é religião", continuareis então a viver num mundo de incompreensão e daqui partireis num estado de confusão, com a esperança de aprender de outra pessoa o que é a verdade. Estando claro isto, examinemos a questão.

Em primeiro lugar, desde o começo o homem sempre indagou se existe alguma coisa diferente deste mundo de labuta, de tribulações, aflições, conflito sempre crescente, problemas e mais problemas, guerras, antagonismos entre as nações e os grupos ideológicos. Vendo tudo isso no exterior, e vendo também sua própria confusão interior, sua aflição, sua extrema solidão, com fortuitos e fugazes momentos de alegria, e o imenso tédio da vida (passar um homem quarenta anos ou mais, freqüentando todos os dias um escritório... Quanto tédio isso lhe deve causar, embora lhe faculte também uma esplêndida fuga de si próprio, de sua família, de suas lutas: no escritório ele está bem resguardado e em competição com outros — e isso lhe agrada) — vendo tudo isso, o homem sempre buscou alguma coisa superior, a que se possa chamar "a Verdade". Vieram então indivíduos sagazes, os sacerdotes, os teólogos, e lhe disseram: "Essa coisa existe." E a energia que era aplicada no buscar e investigar foi captada e "organizada"; e criou-se uma imagem que se tornou a corporificação da realidade, etc. etc. A energia necessária ao investigar, descobrir, foi encerrada numa estrutura de crença organizada, chamada "religião", com seus rituais, seus sacerdotes, seus excitamentos e entretenimentos, suas imagens, qual se tornou a única via de acesso à Realidade. Isso, decerto, não é religião. Para ver com toda a clareza que isso não é religião, e rejeitá-lo de todo, necessita-se de energia. Somos capazes disso? Como dissemos, o falso precisa ser rejeitado, para descobrir-se o verdadeiro. É fácil perceber que foi o medo que criou essa estrutura — a estrutura da chamada "vida religiosa" — o medo deste mundo e do que acontecerá após a morte: o medo à insegurança. A vida é incerta, nada é seguro, nada é permanente, ainda que se possua uma boa conta bancária que dure toda a vida... A realidade, pois, é que não há absolutamente nada que seja permanente — nenhuma relação, nada — e por essa razão existe medo. O medo é uma forma de energia, energia captada por aqueles que nos acenam com promessas, que dizem "Eu sei e vós não sabeis", "Eu experimentei ***isto***, e vós não experimentastes", "Isto é real, aquilo não é real", "Segui este sistema e alcançareis a coisa que estais buscando". Ora, para verdes que tudo isso é ***completamente falso***, necessitais de energia, e essa energia se gasta inutilmente quando não se compreendeu o medo. Quando uma parte de vós tem medo e outra parte diz "Quero alcançar algo que seja permanente", há contradição e, por conseguinte, desperdício de energia.

Assim, podemos lançar para o lado essa coisa chamada religião ou crença organizada — essa coisa que se tornou uma espécie de entretenimento, uma distração? Ao vermo-la claramente, podemos abandoná-

la? — para que não mais sejamos explorados por pessoas que nos prometem coisas ou nos dizem "Tive a suprema experiência, eu sou o salvador" — e tenhamos a energia e a mentalidade de que necessitamos para não termos medo de investigar e, por conseguinte, de rejeitar toda e qualquer autoridade, inclusive a deste orador? Dessarte, rejeitando completamente o falso, "o que não é religião", podemos começar a investigar, a explorar o que ela deve ser, o que ela é — não como idéia, não segundo este orador, ou segundo vós, ou segundo outro. Se for "segundo o orador", este está então vivendo num mundo de incompreensão e tentando transmiti-lo a vós, e dessa maneira criando mais incompreensão. Está mais ou menos claro isto, ou está ficando muito complicado?

Como sabeis, qualquer espécie de conversação ou comunicação é sobremodo difícil, principalmente ao tratar-se de matéria um tanto sutil, atinente à estrutura psicológica do pensamento e do sentimento humanos. A menos que, enquanto fala mos, estejais bem vigilante, dentro em vós mesmos, escutando atentamente, o que estamos dizendo se torna puro palavrório. Estamos falando acerca da totalidade, e não apenas de um seg mento da vida; estamos falando sobre a ação total e não a ação fragmentária.

Religião é uma ação completa, total, que abarca a vida em seu todo e não dividida em "vida de negócios", "vida sexual", "vida científica", "vida religiosa". Estamos vivendo num mundo de ações fragmentárias, contraditórias, e isso não é vida religiosa, porquanto gera antagonismo, aflição, confusão, sofrimento. Por conseguinte, compete a cada um descobrir por si próprio, não como indivíduo separado, porém como ente humano, essa ação que é completa em cada minuto, onde quer que ela se exerça — na família, no mundo dos negócios — ou qualquer que ela seja — pintar, falar; essa ação completa, total, que não encerra nenhuma contradição e não gera aflição. Essa ação é a vida religiosa, a vida positiva. (Rejeitamos o que ***não*** é religião e estamos dizendo o que ela é.) Havendo essa ação, haverá uma vida de harmonia, de união entre os homens, e não a vida de contradição, de ódico, de antagonismo, que as religiões — como é fácil observar — têm suscitado no mundo, embora tanto falem de "paz e amor".

Religião é uma maneira de vida em que há harmonia interior, um sentimento de completa união. Como dissemos, ao vagardes no bosque, silenciosamente, com a luz do Sol poente a cintilar no alto das montanhas ou sobre uma folha, há uma união completa entre vós e tudo em derredor. Não há então, nenhum "vós nenhuma" nenhuma "palavra". Não há "observador" e, por conseguinte, não há contradição. Por favor, não suponhais que isso é entrar num estado emocional, especulativo; é um trabalho bem difícil o ver claramente a maneira como estamos vivendo: fragmentariamente, em oposição uns aos outros, hostilizando-nos mutuamente, fomentando a agressão, a violência, o ódio. Em tais condições, é impossível a união, e união significa amor. Assim, a vida religiosa é a ação total, em que nunca há a fragmentação ocorrente quando existe o "observador", "a palavra", a "memória". Enquanto existir essa entidade chamada "observador", haverá necessariamente ação contraditória.

Não é possível pôr fim ao ódio por meio de seu oposto. Se odeio alguém e, por motivo desse ódio, digo "Não devo odiar, devo amar", este amor é produto daquele ódio. Todo oposto tem suas raízes no seu próprio oposto.

Vivemos — não só exterior, mas também interiormente — num mundo de coisas conhecidas. Só conheço o passado e meu condicionamento pelo passado. Vivo na esfera do "conhecido" — um fato bem óbvio, que não requer muita explicação. A vida intelectual, a vida científica, a vida profissional, a vida de cada dia está toda no campo do "conhecido". Temos medo de sair dessa dimensão. ***Sentimos*** que há uma dimensão diferente, onde o conhecido não existe, mas a tememos; e tememos largar o conhecido, o passado, o familiar, o costumeiro. Temos medo ao "desconhecido"; podemos livrar deste medo e "ficar" com o "desconhecido" — ficar? Tendo medo daquilo que desconheceis, começais a criar imagens a seu respeito, tanto exterior, como interiormente. E há, então, divisão: ***vossa*** imagem e ***minha*** imagem. Por mais sutis que sejam nossas imagens, há divisão, separação entre nós. Pode, pois, a mente "ficar", viver com o desconhecido? Porque é só então que pode haver uma renovação da vida, surgir qualquer coisa nova. Na esfera do "conhecido" há sempre repetição, imitação, ajustamento e, por conseguinte, contradição.

O "observador" é o conhecido. Quando olhamos uma árvore, sempre a olhamos com a imagem da árvore, da espécie, como coisa conhecida. Olhais vossa esposa, vosso marido ou vizinho com a imagem do "conhecido", nunca dizeis: "Não conheço minha mulher, ou meu marido." Se ficardes nesse estado em que dizeis "não conheço minha mulher", vereis o que sucederá em vossa relação com ela. Não há, então, aceitação; estais sensível e vigilante para tudo o que está sucedendo a vós e a ela, e a relação se torna inteiramente diferente, pois já não há imagem alguma, formada pelo hábito e por experiências de toda ordem — formada pelo "conhecido". E quando duas pessoas vivem juntas sem nenhuma imagem, num estado em

que "eu não te conheço e tu não me conheces", a relação entre ambos se torna altamente criadora. Nela, jamais há conflito. Essa relação desperta a sensibilidade e a inteligência em sua forma suprema.

Assim, vida religiosa é uma vida na esfera do "desconhecido". "Eu não sei"... Já dissestes alguma vez "Em verdade eu não sei nada"? Podeis ter conhecimentos técnicos, saber ler, etc., mas, interiormente, psicologicamente, alguma vez dissestes, a sério e sem vos achardes num estado neurótico: "Eu não sei"? Se, em alguma ocasião, o fizestes, não verbalmente, porém ***realmente***, vereis que, então, todo o condicionamento desaparece. Dizer para si próprio "Eu não sei", e ***viver*** esse e requer uma energia imensa, porque todos os que vos circundam — vossa mulher, vosso marido, etc. — vivem na esfera do "conhecido", e tudo o que vos cerca vem do "conhecido". E, ao dizerdes "Não sei", já vos achais em perigo e necessitais de muita energia e inteligência para permanecerdes nesse estado. A mente, por conseguinte, está sempre aprendendo; e aprender não é acumular.

A vida é ação; viver significa agir. A vida religiosa é uma vida de ação, não em conformidade com qualquer padrão, porém uma ação isenta de contradição, uma ação não fragmentada, não dividida em "vida profissional", "vida social", "vida política", "vida religiosa", "vida doméstica", etc. Ver que existe uma ação não fragmentária, uma ação total, completa, e torná-la nossa maneira de vida — eis a vida religiosa. E só se pode viver dessa maneira quando há amor. E o amor não é um prazer cultivado e sustentado pelo pensamento; não se pode cultivar o amor. Só o amor pode produzir ação total, e só ele tem a possibilidade de realizar aquele estado de perfeita união.

O "desconhecido" não é nada de extraordinário; quando vivemos na esfera do "conhecido", fazemos do "desconhecido" o seu oposto, uma coisa contraditória. Mas, quando se compreende a natureza do conhecido — as pretéritas experiências, as imagens que temos do mundo, como constituído de nações, de raças, de diferentes crenças religiosas, dogmáticas — tudo isso é o conhecido — e a mente nele não se acha aprisionada, então é possível o amor; do contrário, podeis fazer o que quiserdes, fundar organizações e mais organizações para estabelecer a pa no mundo, nunca haverá paz.

E, por fim, pergunta-se: Pode um ente humano — vós, eu, ou outro — encontrar aquela vida que não conhece a morte? — uma vida realmente atemporal — quer dizer, uma vida na qual o pensamento, o criador do tempo psicológico e do medo, já não existe? O pensamento tem sua importância própria, mas, psicologicamente, nenhuma importância tem. O pensamento é uma fonte de malefícios, o pensamento está sempre a buscar o prazer, e o amor não é prazer. O amor é uma bênção, uma coisa totalmente diferente. E, se tudo isso for claramente percebido, e viverdes daquela "maneira" * — não verbalmente, não num mundo de incompreensão, pois tudo se tornou perfeitamente claro e simples — tereis então a possibilidade de ingressar numa vida sem começo nem fim — uma vida independente do tempo.

28 de julho de 1968.

* Prende-se ao que foi dito antes: "religião é uma maneira de vida". (N. do T.)

A LIBERTAÇÃO DOS CONDICIONAMENTOS

KRISHNAMURTI